

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E
RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

BRUNO GENRO SCHNEIDER

**O QUE O REALISMO CRÍTICO TEM A DIZER SOBRE O DEBATE MAINSTREAM,
ORTODOXIA E HETERODOXIA NO PENSAMENTO ECONÔMICO BRASILEIRO
RECENTE?**

Porto Alegre

2022

BRUNO GENRO SCHNEIDER

**O QUE O REALISMO CRÍTICO TEM A DIZER SOBRE O DEBATE MAINSTREAM,
ORTODOXIA E HETERODOXIA NO PENSAMENTO ECONÔMICO BRASILEIRO
RECENTE?**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação de Ciências Econômicas da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador(a): Dr. Hélio Afonso de Aguiar Filho

Porto Alegre

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Genro Schneider, Bruno
O QUE O REALISMO CRÍTICO TEM A DIZER SOBRE O DEBATE
MAINSTREAM, ORTODOXIA E HETERODOXIA NO PENSAMENTO
ECONÔMICO BRASILEIRO RECENTE? / Bruno Genro Schneider.
-- 2022.
72 f.
Orientador: Hélio Afonso Filho.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Ciências Econômicas, Curso de Ciências Econômicas,
Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Realismo Crítico. 2. Ontologia na Economia. 3.
Economia Heterodoxa. 4. História do Pensamento
Econômico Brasileiro. 5. Filosofia e Economia. I.
Filho, Hélio Afonso, orient. II. Título.

BRUNO GENRO SCHNEIDER

**O QUE O REALISMO CRÍTICO TEM A DIZER SOBRE O DEBATE MAINSTREAM,
ORTODOXIA E HETERODOXIA NO PENSAMENTO ECONÔMICO BRASILEIRO RECENTE?**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação de Ciências Econômicas da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Ciências Econômicas.

Aprovada em: Porto Alegre, 05 de outubro de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Hélio Afonso de Aguiar Filho – Orientador
UFRGS

Prof. Dr. André Moreira Cunha
UFRGS

Prof. Dr. Sergio Marley Modesto Monteiro
UFRGS

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha família por apoiar minhas decisões e por fazer possível a realização de meus objetivos em prol desta caminhada acadêmica; obrigado por todos os ensinamentos, pelo amor e carinho.

Gostaria, também, de agradecer meus amigos e colegas por dividirem comigo momentos especiais que foram de suma importância em meu caminho; e a minha companheira, Pietra Przybylski de Brum, tanto pelo auxílio em correções textuais, quanto por me incentivar a ir atrás de minhas aspirações.

Por fim, gostaria de manifestar meu agradecimento à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por propiciar-me a oportunidade de aprender com excelentes profissionais e funcionários. Agradeço a todos os professores, em especial, ao meu orientador, Hélio Afonso de Aguiar Filho, pela grande colaboração na construção do tema e por sua dedicação.

RESUMO

O Realismo Crítico é uma abordagem filosófica que tem ganhado espaço nas ciências sociais nas últimas décadas, particularmente, devido aos trabalhos de Tony Lawson e do seu *Cambridge Social Ontology Group* (CSOG), com a ênfase na ontologia como ponto de partida para se entender o escopo da Economia e as deficiências da abordagem *mainstream*. No Brasil, o debate moderno sobre o estado da economia também recorre à filosofia da ciência, motivado principalmente pela investigação de critérios de demarcação científica, com os adeptos do *mainstream* buscando argumentos para expurgar os não conformistas da prática legítima da ciência. O objetivo da presente monografia é, com base no Realismo Crítico, analisar como o pensamento brasileiro lida com as classificações e separações estabelecidas por categorias como *mainstream*, ortodoxia e heterodoxia. De modo mais específico, destacar-se-á, o modo como os economistas brasileiros relacionam perspectivas econômicas, ontologia e método na história do pensamento econômico, a partir das definições e classificações propostas em Tony Lawson (1997 e 2006).

Palavras-chave: Heterodoxia. Ontologia. Ortodoxia. *Mainstream*. Metodologia. Realismo Crítico.

ABSTRACT

Critical Realism is a philosophical approach that has been aware of the space in the social sciences in recent decades, due to the work of Tony Lawson and his Cambridge Social Ontology Group (CSOG), with an emphasis on ontology as a starting point to understand the scope of Economics and the shortcomings of the mainstream approach. In Brazil, the modern debate on the state of the economy also resorts to the philosophy of science, motivated by the mainly scientific demarcation, with the supporters of mainstream arguments to purge the non-conformists of the natural practice of science. The Brazilian objective of the deal is, based on Critical realism, analyzed as thought, as classification and separations, on the part of the present, as monograph, orthodoxy and heterodoxy. More specifically, the way in which Brazilian economists relate the history of economic thought will be highlighted, based on the definitions and proposals in Tony Lawson (1997 and 2006).

Keywords: Heterodox. Ontology. Orthodox. *Mainstream*. Methodology. Critical Realism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Escolas de pensamento na macroeconomia	17
Figura 2 - Realidade para Bhaskar	30
Figura 3 - Prática ortodoxa	35
Figura 4 - Realismo Crítico	35
Figura 5 - Conteúdo da Revista Brasileira de Economia (em %)	64
Figura 6 - Paradoxo Austríaco	65

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. ESCOLAS DE PENSAMENTO, ORTODOXIA, MAINSTREAM E HETERODOXIA	14
2.1 A FORMAÇÃO DA ECONOMIA CONVENCIONAL ATUAL	14
2.1.1 A escola Neoclássica	14
2.1.2 Milton Friedman, o Monetarismo e a Escola de Chicago	15
2.1.3 Economia moderna	16
2.1.4 Ortodoxia	19
2.2 A GENEALOGIA DA OPOSIÇÃO	20
2.2.1 A contestação keynesiana	21
2.2.2 Pós-Keynesianismo	21
2.2.3 Marxismo e dialética	22
2.2.4 Institucionalismo	23
2.3 AUSTRÍACOS: OS INFILTRADOS	23
2.4 PENSAMENTO BRASILEIRO: REFLEXO DE UMA ECONOMIA PERIFÉRICA	24
3. EXPLICAÇÕES DA REALIDADE NA CIÊNCIA ECONÔMICA	26
3.1 FILOSOFIA E METODOLOGIA NA ECONOMIA	27
3.2 REALISMO TRANSCEDENTAL	29
3.3 REALISMO CRÍTICO E TONY LAWSON: A ONTOLOGIA NO <i>MAINSTREAM</i> E NA HETERODOXIA	31
3.3.1 Abstração e isolamento	33
3.3.2 Sistemas abertos e sistemas fechados	34
3.3.3 Modelos matemáticos, econometria, equilíbrio e contraexemplos	36
3.4 PLURALISMO E EVOLUCIONISMO	38

4. O DEBATE DAS MISÉRIAS E DAS IDEIAS	40
4.1 PENSAMENTO ECONÔMICO BRASILEIRO NO PRIMEIRO DEBATE	40
4.1.1 “A miséria da crítica heterodoxa: Sobre as críticas”	41
4.1.2 “A miséria da crítica heterodoxa: Método e equilíbrio na tradição neoclássica”	42
4.1.3 Réplica de Cardim	44
4.1.4 A miséria do instrumentalismo	44
4.1.5 “Linguagem, procedimento e pragmatismo na tradição neoclássica”	46
4.2 PENSAMENTO ECONÔMICO BRASILEIRO NO SEGUNDO DEBATE	47
4.2.1 Esquerda e direita: curandeiros e metódicos	48
4.2.2 As divergências heterodoxas	49
5. REALISMO CRÍTICO E O DEBATE BRASILEIRO	52
5.1 A CRISE DA CIÊNCIA ECONÔMICA	52
5.1.1 O pensamento econômico brasileiro sobre a ciência	53
5.1.2 O pensamento econômico brasileiro sobre a natureza da economia	55
5.2 MÉTODO E IDEOLOGIA	56
5.2.1 A ontologia no pensamento econômico brasileiro	56
5.2.2 Instrumentalismo no pensamento econômico brasileiro	58
5.2.3 Aspectos políticos no Realismo Crítico	60
5.3 AS ESPECIFICIDADES NAS DIVERGÊNCIAS SOBRE AS DEMARCAÇÕES	62
5.3.1 A gênese do pensamento econômico brasileiro	62
5.3.2 Singularidades do caso austríaco	65
6. CONCLUSÃO	67
REFERÊNCIAS	

1. INTRODUÇÃO

A história da ciência econômica é marcada por disputas, contradições e debates; os economistas entram em conflitos sobre as políticas econômicas adotadas em determinados contextos, sobre a natureza de categorias essenciais, sobre diagnósticos de fenômenos econômicos e até sobre os prognósticos para o futuro. O campo econômico possui diversas linhas de compreensão da realidade, com as mais variadas teorias e métodos científicos; ainda que se possa elencar numerosas linhas de pensamento econômico, é evidente o dualismo nessa área do conhecimento: se por um lado, a economia *mainstream* representa o conjunto de abordagens aderidas por instituições dominantes, por outro lado, a heterodoxia representa, geralmente, o confronto às concepções convencionais.

No Brasil, tal dualismo não é diferente. No período recente são destacados dois debates sobre a superioridade de correntes de pensamento e suas demarcações na ciência econômica. Primeiramente, o debate acadêmico iniciado por Marcos Lisboa na década de 1990 e, posteriormente, a discussão no jornal Folha de São de Paulo em 2016, com diferentes economistas ortodoxos e heterodoxos. Na presente monografia, tais debates serão revisitados a partir de uma terceira perspectiva. Trata-se da tradição filosófica iniciada por Roy Bhaskar no Reino Unido na década de 1970, denominada de Realismo Crítico, e sua crítica à falácia epistêmica, que tende a reduzir as declarações sobre o ser a afirmações sobre o conhecimento. Baseado nessa filosofia, o também britânico Tony Lawson teoriza sobre a natureza do *mainstream* econômico e sobre a economia heterodoxa, constatando a existência de uma incapacidade da economia convencional em explicar os fenômenos do mundo real; incapacidade essa decorrente da adesão incondicionada a um conjunto de métodos e procedimentos associados ao chamado dedutivismo. Tal posição, a princípio, contrasta com a suposta visão da maior parte dos economistas brasileiros, que tende a ver a divisão do pensamento econômico e as conseqüentes falhas da economia como estando associadas a noções paradigmáticas, como núcleo duro, ou a noções substantivas, como interesses políticos e ideológicos.

Ao analisar as categorias *mainstream*, ortodoxia e heterodoxia da ciência econômica, a presente monografia visa obter respostas às seguintes questões: “Em que medida, o tratamento dado pelo pensamento brasileiro à essas categorias, a partir dos anos 1990, pode ser conciliado com a posição crítico realista de Tony Lawson?”. Ademais, há no pensamento brasileiro, alguma especificidade na forma de ver o tema, ou esse segue a definição usual e consagrada nos centros hegemônicos? E, como a crítica realista pode ser acomodada diante dos debates do pensamento brasileiro? Em conseqüência, o objetivo da pesquisa de conclusão de curso será desenvolver

uma interpretação acerca do debate brasileiro no final dos anos 90 e no ano de 2016, sobre tais conceitos, a partir de pesquisas de autores ligados à filosofia do Realismo Crítico. De modo mais específico, destacar-se-á a forma como determinados economistas brasileiros relacionam perspectivas econômicas, ontologia e método na história do pensamento econômico, a partir das definições e classificações propostas em Tony Lawson (1997 e 2006).

A hipótese fundamental levantada é a seguinte: enquanto as análises autodenominadas heterodoxas têm uma perspectiva mais externalista, destacando os interesses de classe ou ideológicos como fator principal de divisão da economia, os autodenominados *mainstream* brasileiros têm uma visão mais próxima do diagnóstico do Realismo Crítico, ao destacarem a adesão à modelagem matemática como elemento que dá unidade aos seus trabalhos. Contudo, o fato de a autocompreensão sobre a unidade dos trabalhos do *mainstream* coincidir com o Realismo Crítico, não significa um entendimento de que esse último concorda com as práticas do primeiro; práticas essas que, na visão do Realismo Crítico, falham em explicar os fenômenos reais por estarem alicerçadas na mera conjunção constante de eventos, ou seja, por se caracterizarem na incessante busca de regularidades estatísticas. Técnica que desconsidera a camada factual e a camada mais profunda, nas quais os eventos estão estruturados.

A justificativa principal para a presente monografia é que o Realismo Crítico aplicado à economia, ao propor um giro ontológico como critério para redefinir não só as perspectivas em disputa, mas os rumos da própria economia, pode ajudar a iluminar o debate no pensamento econômico brasileiro, situado de partida em uma condição periférica – por estar longe dos autodenominados grandes centros – e apontar caminhos e formas de reposicionar a prática científica dos economistas brasileiros.

A metodologia do trabalho está assentada na revisão bibliográfica da literatura do Realismo Crítico – Setterfield, Fucidji, Downward, Bhaskar. – e, sobretudo nos trabalhos realizados por Tony Lawson, o qual expõe questões fundamentais para a realização da monografia, como a ontologia na economia, o método realista, a natureza da economia dominante, a natureza da heterodoxia e quais suas implicações para ciência econômica. Ademais, serão utilizados os textos que compuseram o debate sobre *mainstream* e heterodoxia no final dos anos 90 e, mais recentemente, no ano de 2016 no jornal Folha de São Paulo, em que são elucidados os principais pontos de divergência nos pressupostos metodológicos e filosóficos do debate econômico brasileiro. A escolha de analisar esses dois debates deve-se a notoriedade que as discussões obtiveram na imprensa e no âmbito acadêmico, além de serem realizadas contemporaneamente aos escritos de Tony Lawson, o que pode permitir uma maior

interlocução entre os autores. Ainda, auxiliarão na construção do trabalho, determinadas obras relacionadas à metodologia na ciência e na economia, bem como escritos de autores símbolos das diferentes vertentes econômicas abordadas.

A segmentação do presente estudo se dará como segue. O primeiro capítulo trata das conceituações e princípios basilares das diversas correntes de pensamento econômico. O segundo capítulo é dedicado ao Realismo Crítico e às principais concepções de Tony Lawson sobre filosofia da ciência e a natureza da economia. No terceiro capítulo, dedicado aos debates brasileiros em foco, são analisadas as posições da ortodoxia e da heterodoxia brasileira presentes nos artigos de Marcos Lisboa, as respostas heterodoxas de Cardim, Duayer, Paineira e Medeiros e a discussão no jornal Folha de São Paulo em 2016. O quarto capítulo, por sua vez, apresenta uma súmula das discussões, relacionando as diferentes perspectivas. E, por fim, no último capítulo, conclui-se a monografia.

2. ESCOLAS DE PENSAMENTO, ORTODOXIA, *MAINSTREAM* E HETERODOXIA

Neste capítulo serão abordadas as origens, as definições, as metodologias e as diferenças de determinadas escolas econômicas que se fazem importantes no contexto do estudo, assim como se buscará entender sobre a principal cisão dentro da teoria econômica, a ortodoxia e heterodoxia, e como estas linhas se relacionam com as escolas de pensamento e a concepção hegemônica. Para a realização do capítulo, será apresentada, primeiramente, em linhas gerais, a escola neoclássica, a qual se faz imprescindível para a discussão referente às categorias principais do trabalho. Assim sendo, com o entendimento do neoclassicismo, será possível adentrar na formação da ortodoxia, que, por sua vez, aliada a outras escolas econômicas, servirá como sustentação para o aprofundamento do *mainstream*. Nesse contexto, surgirá a heterodoxia como unidade e as escolas de pensamento que a formam. Ademais, desde já serão tratadas questões metodológicas iniciais das diferentes correntes, uma vez que tais pontos serão interligados com capítulos posteriores.

2.1 A FORMAÇÃO DA ECONOMIA CONVENCIONAL ATUAL

2.1.1 A escola Neoclássica

A escola neoclássica é considerada a mais influente linha de pensamento na economia atual, servindo como base para um conjunto maior conhecido como *mainstream*, ou, economia convencional. A escola em questão foi desenvolvida a partir de meados de 1870, com os escritos de Carl Menger, William Jevons, Léon Walras e Alfred Marshall em contraposição a certos preceitos da economia clássica. A diferenciação elementar do movimento Neoclássico frente à economia Clássica é a de renúncia a teoria do valor do trabalho, sendo esta substituída pela teoria do valor utilidade. Desse modo, o valor passa a ter relação com a utilidade dos bens para os indivíduos e não mais com o tempo de trabalho. As consequências dessa alteração resultam em mudanças de enfoque: os Clássicos se atentavam, principalmente, para a produção, enquanto o Neoclassicismo dava centralidade para o consumo e para as trocas. Adentrando na conceituação das ideias propostas, objetivamente, pode-se caracterizar a economia Neoclássica pela associação de três principais características:

1. a ênfase na racionalidade e o uso da maximização da utilidade como critério de racionalidade, 2. a ênfase no equilíbrio ou equilíbrios, e 3. a negligência de fortes tipos de incerteza e particularmente de incerteza fundamental (DEQUECH, 2007.).

Nessa perspectiva individualista, as classes sociais são abandonadas em prol da utilização de agentes econômicos racionais para a teorização da economia, que, nesse momento,

pelas razões explicitadas, perde a palavra política na sua denominação como área científica (FONSECA, 1981).

2.1.2 Milton Friedman, o Monetarismo e a Escola de Chicago

Dentro de uma perspectiva histórica, é possível argumentar que, após as crises internacionais dos anos 1970, com o declínio das taxas de crescimento e a insurreição de movimentos conservadores, o auge do keynesianismo na academia chegou ao fim. Dessa forma, a economia convencional retornou a aderir ideias ligadas ao Neoclassicismo, porém, desta vez, com uma nova roupagem crítica a teorias neoclássicas como regulações em casos de monopólio e externalidades (NELSON, 2014). Nesse período, o método e as interpretações do monetarismo, que tinham como expoente máximo Milton Friedman, se tornaram dominante no pensamento econômico. As ênfases da escola eram a defesa do livre mercado, justificada por uma racionalidade baseada em um tipo de expectativa adaptativa dos agentes, a aderência à teoria quantitativa da moeda para o longo prazo (neutralidade da moeda) e a recomendação de políticas contracionistas, principalmente por parte da política monetária, visando controlar o volume de moeda em circulação (FRIEDMAN, 1962). A escola monetarista, ou também conhecida como escola de Chicago, não sobreviveu por muito tempo como a doutrina mais influente no pensamento econômico. Porém, algumas concepções de Milton Friedman permanecem no âmago do pensamento político liberal e fundamentam noções essenciais da economia convencional atual, principalmente no que se refere a questões metodológicas empregadas nas pesquisas; tais questões ainda serão abordadas no decorrer desta monografia (BRUE, 2005).

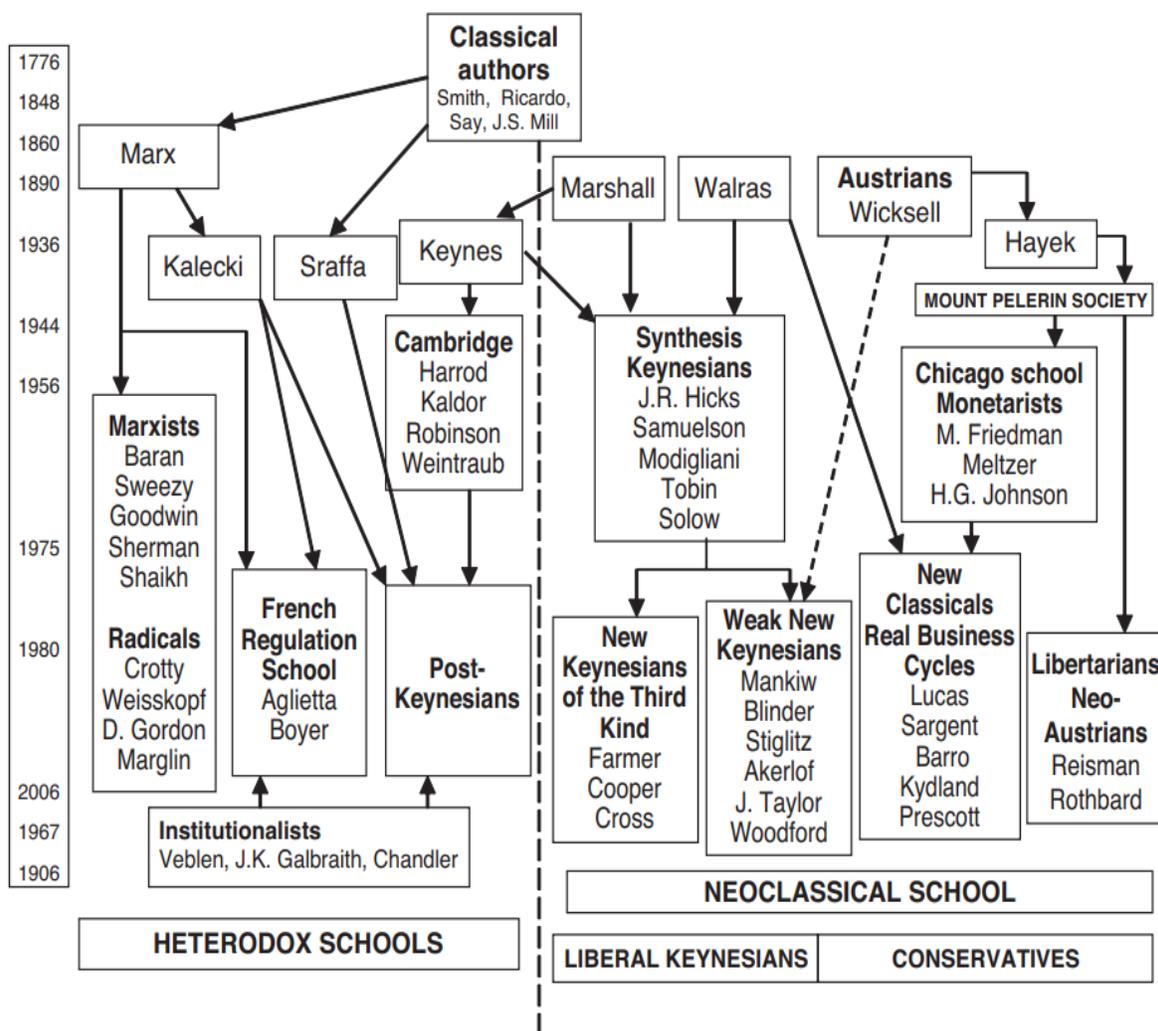
A escola de Chicago se notabiliza, também, pela rejeição ao keynesianismo: Friedman, Lucas e Becker preconizavam que a economia é autoajustável com pequenas oscilações naturais, e que as crises estariam relacionadas a políticas fiscais e, principalmente, políticas monetárias erráticas dos governos. Logo, o diagnóstico keynesiano de crises inerentes ao sistema capitalista seria inválido, e as políticas anticíclicas, não só seriam ineficazes, como resultariam em flutuações graves na economia. Ademais, no arcabouço monetarista os monopólios e monopsonios seriam irrelevantes e momentâneos na economia, e os impostos deteriam a utilidade de aumentar as receitas e não o intuito da redistribuição de renda. Dessa forma, a escola se destacou através de novas contestações e por meio do apoio correspondente ao conservadorismo político. O legado da escola de Chicago como formador do *mainstream* atual pode ser observado em livros didáticos de macroeconomia utilizados nas principais universidades. Ainda, as teorias sobre capital humano, produção, emprego e externalidades

possuem elevado prestígio na comunidade científica econômica, influenciando o *mainstream* atual (BRUE, 2005).

2.1.3 Economia Moderna

Adentrando no período mais recente, é observável que a economia dominante é formada por escolas com raízes neoclássicas combinadas com ideias Keynesianas, sobretudo a partir da síntese neoclássica formulada por John Richard Hicks. Nesse contexto, a proposição da incerteza fundamental é negligenciada, e o princípio da demanda efetiva, formulado por Keynes, é resignado ao período de curto prazo; enquanto, no longo prazo, a economia funcionaria de acordo com a descrição neoclássica, tendendo ao pleno emprego (GRIEVE, 2014.). Com o passar do tempo, outras escolas, como os Neo-Keynesianos e Novo-Keynesianos, foram desenvolvendo diversos estudos com intuito de conciliar a teoria Keynesiana com o pensamento neoclássico, de forma que alguns preceitos Keynesianos fossem conservados, porém subjugados à estrutura neoclássica. Um exemplo dessa prática é o modelo IS-LM, amplamente estudados nas universidades, no qual as questões keynesianas são vinculadas apenas no curto prazo, enquanto no longo prazo, a estrutura teórica neoclássica é dominante. Por outro lado, deve-se mencionar a escola Novo-Clássica, que se opõe aos conceitos keynesianos e fundamenta seu arcabouço a partir da racionalidade dos agentes e de modelos econômicos sofisticados que induzem ao entendimento de que a intervenção governamental será prejudicial ao funcionamento da economia (FONSECA, 1981 e AGUILAR FILHO; SAVIANI FILHO, 2017).

Figura 1 – Escolas de pensamento na macroeconomia



Fonte: Lavoie (2006, p.3.)

O conceito de *mainstream* é caracterizado como o conjunto de ideias dominantes de um campo em um determinado período; ou seja, no caso da economia, o *mainstream* não é uma escola, como a neoclássica, mas, sim, o conjunto de ideias mais influentes nas instituições acadêmicas, nas organizações e nos periódicos. Em uma visão sociológica, pode-se nomear o *mainstream* como a elite da profissão. Desse modo, faz-se importante ressaltar que o *mainstream* é mutável e de difícil consenso, existindo escolas e concepções que orbitam o convencionalismo e o alternativo. Dito isso, considera-se economia convencional aquela que é ensinada nas principais universidades, publicada nas principais revistas, a que recebe incentivos financeiros maiores e a que ganha os principais prêmios da área, sendo a mais valorizada entre

os próprios pares do campo (DEQUECH, 2007). Ademais, atualmente, o *mainstream* é formado principalmente pela economia neoclássica, porém esta é um subconjunto da economia convencional, já que, por exemplo, a economia comportamental ou algumas partes do novo institucionalismo possuem elevado prestígio no âmbito acadêmico. Ainda, o *mainstream* é capaz de mudar ao decorrer do tempo, de tal forma que escolas antagonistas podem constituir a economia dominante em diferentes épocas. Este é o caso da escola keynesiana, que se tornou a linha de pensamento principal da economia durante algumas décadas do século XX após a crise de 1929.

Na modernidade, é possível encontrar uma característica comum ao conjunto da corrente principal: a ênfase na formalização matemática. Sendo assim, a característica unificadora pode estar presente na metodologia e não em alguma ideia específica. Nesse sentido, o método pode levar a pressupostos coerentes com o modo de se fazer ciência, mas não implica em um conjunto de hipóteses particulares pré-estabelecidas, como é o caso de diversas linhas da economia. Essa ótica, a qual identifica a corrente principal como excessivamente formal, pode ser confrontada a partir de exceções principalmente ligadas aos trabalhos dos economistas Ronald Coase e Douglas North, que são aceitos pelo *mainstream*, porém, não possuem uma inclinação excessivamente matemática à primeira vista (DEQUECH, 2007). Ainda, pode-se levantar a questão de que há economistas heterodoxos com o mesmo viés formulista.

O autor Tony Lawson propõe que a economia dominante atual é composta por modelos matemáticos de natureza dedutivista, assentados em uma ontologia que implica na regularidade de eventos, na atomização da sociedade e no consequente fechamento de sistemas, induzindo a exclusão da cultura, da história e da noção de classe por parte das análises econômicas. Nesse sentido, a monografia abordará, nos autores brasileiros, se realmente esta é a característica comum da corrente principal descrita por eles, e se, na realidade há uma ligação, como propõe Lawson (2006), do método dedutivista matemático com a exclusão da história, da cultura e das instituições na teoria econômica. Outros pontos, levantados pelo economista brasileiro Davi Dequech, que caracterizam o *mainstream* são o individualismo metodológico e a negligência com a incerteza fundamental (DEQUECH, 2007).

Na perspectiva de David Hands, o núcleo da economia moderna identifica-se como a “teoria da escolha racional individual”. Para o autor, a teoria é estruturante para as análises econômicas convencionais desde os anos 1950, o que gerou uma aderência da modelagem matemática na ciência econômica. Na linguagem racional individual, as finalidades e restrições dos agentes podem ser descritas por meio de funções matemáticas, causando a redução do

problema econômico em funções objetivas sujeitas a determinadas restrições; dessa forma, a economia se transforma na ciência social mais matematizada, principalmente por consequência de definições da teoria da escolha racional. Hands resume esse movimento por parte dos economistas *mainstream* como a exclusão da questão processual na avaliação econômica, importando apenas os resultados e as consequências, que sempre serão os mesmos, dado que o formalismo matemático implica em um igual conjunto de respostas para os problemas econômicos (HANDS, 2017.).

Em vista dessa perspectiva, e somando o pensamento de Friedman, é possível o entendimento de que o papel que exerce a ciência é fundamental para a distinção de heterodoxos e convencionalistas. Para o *mainstream*, a ciência econômica serve para objetificar questões simplificadas, visto que, em Friedman, a ciência nunca poderia alcançar a realidade, assim não seria frutífero se debruçar em subjetividades que estarão impregnadas de ideologia. Logo, ao tentar alcançar a realidade, a heterodoxia estaria supervalorizando o poder da ciência econômica para a explicação da economia. Nessa perspectiva, o diagnóstico heterodoxo de que a economia dominante não está predizendo o que ocorre na realidade é falho, visto que, para o *mainstream*, a ciência econômica não tem o papel de explicações realistas, mas, sim, de construir teorias e modelos úteis para a predição de fenômenos econômicos. Ainda em Hands, por mais que se tenha um desconforto por parte da economia convencional quanto ao descolamento das evidências frente à teoria da escolha racional, as novas escolas convencionais, como a economia comportamental e a neuroeconomia, preservam estruturas racionais e otimizadoras, porém com complexidade superior, reformando alguns pontos da teoria neoclássica. Em suma, o que faz dessas escolas serem aceitas pela comunidade científica dominante é a conservação de uma economia normativa, o que é o central na teorização convencionalista (HANDS, 2017).

2.1.4 Ortodoxia

Apresentado a composição e o debate acerca do *mainstream*, surge o questionamento sobre se a economia convencional seria um sinônimo de ortodoxia. Para definir o que é ortodoxia na economia, é possível recorrer a Colander, Holt e Rosser: “Em nossa opinião, ortodoxo é principalmente uma categoria intelectual [diferente de uma sociológica] como a mais recente ‘escola de pensamento’ dominante é um conjunto particular de ideias que define uma escola de pensamento” (Colander *et al.*, 2004, P.490). Dessa forma, é de se presumir que a economia ortodoxa é a economia neoclássica, já que esta é a principal escola de pensamento dentro do *mainstream* da economia. Então, dada essa definição surge o problema de classificação da parte do *mainstream* que não é neoclássica. Seriam classificados como heterodoxos? A heterodoxia

pode fazer parte da economia convencional? Se a resposta for positiva para as duas questões expostas, implicaria no entendimento de que a economia dominante é plural. Mas, de fato, o *mainstream* pode ser considerado pluralista? Qual seria o limite do *mainstream* para a aceitação das ideias heterodoxas?

2.2 GENEALOGIA DA OPOSIÇÃO

Para investigar as questões propostas deve-se, também, conceituar o que é a economia heterodoxa, assim será abordado, primeiro, seu conceito e suas definições para, posteriormente, adentrar nas escolas principais da corrente, ao contrário do que foi realizado nos subcapítulos anteriores. Isto é explicado pela própria definição negativa da heterodoxia, como a oposição à economia convencional, enquanto o *mainstream* pode ser identificado, de forma positiva, a partir das semelhanças entre as escolas de pensamento. Utilizando a abordagem negativa, se a economia convencional e a ortodoxia são dominantes e detêm maior prestígio e autoridade, a economia heterodoxa se caracteriza pelo menor prestígio e menor influência (DEQUECH, 2007). Normalmente, quando um economista se autodenomina heterodoxo este está se considerando fora *mainstream*, e, desta forma, se colocando em posição de divergência ao conjunto das ideias dominantes. Porém, a economia heterodoxa é diversa, com noções filosóficas, políticas e metodológicas diferentes sendo de difícil caracterização positiva unificadora.

No sentido de Lawson, considerando que o ponto conciliador da corrente principal é o método matemático-dedutivista, a heterodoxia se unifica a partir da avaliação de que o excessivo uso do método convencional para o entendimento de fenômenos econômicos é inapropriado para a compreensão da realidade social. Ou seja, as diferenças entre os dois campos se dão pela preposição ontológica vinculada ao método (LAWSON, 2006). Sendo assim, Lawson indica que a heterodoxia possui visão aberta sobre a economia, o que conecta a visão alternativa à ontologia social, existindo apenas exceções em que a realidade social é fechada e que, então, se faz coerente o método da linha de pensamento principal.

Diante das definições de Lawson surgem questionamentos, pode-se considerar todas as escolas heterodoxas como linhas de pensamento com a visão aberta da realidade social? No caso dos marxistas, alguns economistas tratam o conceito de comunismo como inerente ao processo evolutivo da história, nesse sentido a abertura dos sistemas parece não ter aderência à esta visão. Seria esta uma das exceções do conceito abordado pelo autor britânico Tony Lawson (DEQUECH, 2007). Como percebido, a economia heterodoxa é controversa quanto ao

seu caráter unificador, podendo ser definida com base nas suas contraposições ao *mainstream* de forma sociológica ou de forma axiomática.

2.2.1 A Contestação Keynesiana

Dentro do campo heterodoxo existem correntes dominantes e correntes alternativas à heterodoxia preponderante, ou seja, existe um *mainstream* dentro do próprio campo que contrapõe o *mainstream* econômico; dessa maneira, tal corrente possui mais prestígio e autoridade nas revistas e universidades consideradas heterodoxas. Na atualidade, as escolas predominantes na heterodoxia possuem raízes keynesianas. Como os autores realistas citados acima pontuam, que a heterodoxia se distingue da corrente convencional a partir do método, se faz importante discutir qual seria o método empregado por Keynes em seus trabalhos.

Para a economista Victoria Chick (1993), A principal obra de Keynes, a Teoria Geral, é de difícil análise metodológica, por ser um trabalho complexo e porque Keynes não escreveu sobre metodologia econômica em sua trajetória. Assim, autores divergem quanto ao seu método no desenvolvimento da Teoria Geral. No entanto, Chick observa que a investigação do método keynesiano não pode se dar a partir da síntese neoclássica, já que a mesma retira elementos centrais da teoria keynesiana, como: a incerteza, a análise dinâmica, a especulação e o papel da moeda (CHICK, 1993.). Desse modo, ao analisar a ontologia proposta pela ortodoxia verifica-se o *Homo Economicus*, o agente racional e maximizador, como o entendimento da natureza do ser social; o que para Keynes seria impróprio aos seus postulados, sendo sua posição ontológica em relação a economia definida como uma realidade complexa regida pela incerteza, paixões, interesses e conhecimentos diversos que moldam a dinâmica monetária relacionada intrinsecamente ao desenvolvimento econômico (CHICK, 2004.).

2.2.2 Pós-Keynesianismo

Como observado na Figura 1, o Keynesianismo originou e teve maior influência sobre a escola heterodoxa pós keynesiana, porém os economistas clássicos, Karl Marx, Piero Sraffa e Michal Kalecki são recorrentemente citados em artigos pós-keynesianos e intermediam ideias fundamentais do pós-keynesianismo. Esta escola se faz importante para o desenvolvimento deste trabalho na medida em que é considerada uma das principais escolas heterodoxas e, portanto, é utilizada como exemplo para identificar estruturas da heterodoxia por diversos autores no decorrer da monografia, principalmente por Lisboa. Nesse sentido, utilizando textos de Lawson (1994) pode-se caracterizar o pós-keynesianismo como uma reação e oposição a economia neoclássica, os autores pós-keynesianos reivindicam que a economia seja analisada

como um processo histórico dinâmico, que a incerteza seja um pilar central da economia, que as questões de distribuição são fundamentais e que as instituições econômicas e políticas sejam identificadas como fenômenos que direcionam os eventos (LAWSON, 1994.). Assim, identificando, ontologicamente, a realidade com fundamento nesses pressupostos, o pós-keynesianismo também se difere da ortodoxia em questões metodológicas, pois, por exemplo, processos históricos e instituições não cabem na perspectiva positivista do neoclassicismo, onde há um compromisso a regularidade de eventos.

2.2.3 Marxismo e dialética

A escola marxista é formada a partir dos escritos de Karl Marx e Friedrich Engels, principalmente no conjunto de livros d'O Capital: Crítica da Economia Política. No qual é sistematizado o funcionamento da sociedade capitalista. No contexto da economia política clássica, Marx e Engels herdaram elementos dos clássicos, porém com uma nova metodologia de análise da sociedade. O valor-trabalho, sendo o tempo de trabalho socialmente necessário à produção de mercadorias; a centralidade investigativa na produção, baseada no entendimento materialista de que o modo de produção é responsável pela transformação e conservação das estruturas econômicas-sociais; e a noção de economia dividida em classes, originadas pelo modo de produção e causadoras das transformações sociais por conta do inerente conflito com outra(s) classe(s); foram aspectos de divergência com a economia neoclássica fundamentais para a construção teórica do marxismo na ciência econômica (CHANG, 2015).

Entretanto, as contribuições do marxismo não se limitam a teorias econômicas substantivas. O método materialista histórico-dialético construído e utilizado por Marx e Engels se tornou diretriz essencial para o seguimento da escola marxista. Nesse sentido, contrapondo visões positivistas e idealistas pode-se elucidar a dialética hegeliana de Marx como o entendimento filosófico o qual a existência está em constante movimento e transformação com contradições intrínsecas. Acrescentando ao método materialista histórico, concepção que delimita as decisões e os desenvolvimentos da sociedade sob circunstâncias passadas, Marx e Engels chegam à conclusão de que as transformações sociais não são concretizadas por ideias individuais ou aspectos morais; ao contrário, os movimentos da sociedade são operados pelas relações de produção que dividem a sociedade em camadas. Logo, o objeto do cientista social marxista deve ser investigar os processos econômicos no mundo, e não se ater a meros pensamentos filosóficos moralistas (FERNANDES, 2008).

2.2.4 Institucionalismo

Outra escola com proeminência dentro do cenário heterodoxo é o Institucionalismo, cujas principais características podem ser elencadas como: 1) Instituições como elementos chaves para a compreensão da economia; 2) Interdisciplinaridade, destacando as ciências políticas, sociais e biológicas; 3) Economia como um sistema evolutivo e aberto; 4) Indivíduos moldados pelas instituições, cultura e tecnologia (LAWSON, 2005). Nesse sentido, a escola Institucionalista ocupa-se a analisar e investigar instituições, que poderiam ser resumidas como regularidades, hábitos, continuidades, processos e reproduções na vida social; e tecnologias, que poderiam ser significadas como elementos dinâmicos das relações sociais. Portanto, nessa escola heterodoxa pode-se observar a negação da ontologia implícita observada pelo *mainstream*, e uma adesão à visão sobre a natureza da realidade ser baseada na noção de mecanismos processuais e continuidades relativas (LAWSON, 2005). Características que mais aproximam de outras escolas heterodoxas como a marxista, a keynesiana e a pós-keynesiana, as quais compõem suas teorias concedendo relevância a instituições vedadas pelo método neoclássico.

2.3 AUSTRÍACOS: OS INFILTRADOS

A economia Austríaca é uma escola de complexa classificação no cenário da teoria econômica. Os economistas da linha Austríaca, geralmente, podem ser associados ao pensamento Neoclássico-Chicago, isso porque ambas as escolas são defensoras da liberdade individual, defensoras do livre mercado e são críticas ao intervencionismo do Estado (MCKENZIE, 1980.). Porém, os Austríacos não aparecem nas principais revistas de economia, não possuem alta relevância no debate econômico e raramente possuem adesão nas principais universidades. Por outro lado, as principais correntes heterodoxas, expostas acima, analisam a economia de forma oposta aos Austríacos em sentidos importantes como: o papel do Estado, as políticas públicas, o papel da demanda agregada e a natureza da moeda.

Autores como Tony Lawson (1997) classificam a economia Austríaca como uma linha da heterodoxia, já que a ontologia Austríaca é distinta da economia convencional, o que é, por si só, a característica que define a heterodoxia como uma corrente teórica. Nesse sentido a realidade social é vista pelos Austríacos como aberta e processual, com os agentes agindo e reagindo de acordo com os próprios interesses. Assim, para a economia Austríaca, os modelos matemáticos podem ter certa utilidade nas explicações históricas, mas nunca podem ajudar a prever eventos investigados, como o dedutivismo-matemático da economia convencional propõe. Dessa forma,

como para Lawson o instrumentalismo originário de uma concepção ontológica é que o unifica o *mainstream*, autores como Hayek e Von Mises não poderiam estar classificados como autores dominantes no ramo da economia. Ainda, esse ponto pode ser amparado na medida em que a economia Austríaca pode ser lida como uma gama de teorias que possuem o objetivo de defender a liberdade individual e o livre mercado, haja vista as posições filosóficas explícitas dos economistas austríacos quanto a perspectivas sobre a realidade; ao passo que o *mainstream* busca aparentar uma imparcialidade, omitindo a sua própria noção de realidade social, mesmo que na generalidade os resultados das pesquisas e as proposições de política econômica compactuem com as da economia Austríaca (MCKENZIE, 1980).

2.4 PENSAMENTO BRASILEIRO: REFLEXO DE UMA ECONOMIA PERIFÉRICA

Exposto o debate sobre as origens e as classificações na economia moderna em âmbito internacional, se faz relevante analisar a forma específica como o pensamento econômico é visto dentro do panorama brasileiro. A discussão econômica brasileira no século XX girava em torno de como o Brasil, na condição de país subdesenvolvido periférico, poderia chegar ao desenvolvimento. Dentro dessa perspectiva, surgiu o desenvolvimentismo, baseado nas obras de Celso Furtado, Mario Henrique Simonsen, Maria da Conceição Tavares e Ignácio Rangel; a corrente contava com diferentes posicionamentos entre os desenvolvimentistas nacionalistas, não-nacionalistas e socialistas, porém em sua base o movimento se assentava em tais pontos:

- a) a industrialização integral é a via de superação da pobreza e do subdesenvolvimento brasileiro; b) não há meios de alcançar uma industrialização eficiente e racional no Brasil através das forças espontâneas de mercado; por isso, é necessário que o Estado a planeje; c) o planejamento deve definir a expansão desejada dos setores econômicos e os instrumentos de promoção dessa expansão; e d) o Estado deve ordenar também a execução da expansão, captando e orientando recursos financeiros, e promovendo investimentos diretos naqueles setores em que a iniciativa privada seja insuficiente. (BIELSCHOSWKY, 1996.)

Em oposição ao grupo desenvolvimentista-cepalino surge a corrente dita neoliberal, com Eugênio Gudín e Octavio Bulhões, que tinham como foco de suas análises o equilíbrio monetário e financeiro e, principalmente, a discordância com a ideia de protecionismo como política eficiente para o desenvolvimento (BIELSCHOSWKY, 1996.), o que aproximava a escola neoliberal da economia neoclássica. Em vista dessa dualidade da história do pensamento econômico brasileiro e da condição periférica da economia brasileira, pode-se formular a

hipótese que os pensadores economistas brasileiros da atualidade classificam as teorias econômicas sob a influência dos debates públicos no decorrer do século XX no Brasil e, também, a partir das discussões acadêmicas entre universidades proeminentes da época. Dito isso, passaremos a adentrar no Realismo e suas relações com as divergências econômicas para posteriormente analisar o discurso brasileiro e aprofundar sobre a história do pensamento econômico do nosso país.

3. EXPLICAÇÕES DA REALIDADE NA CIÊNCIA ECONÔMICA

“(...) aliás, toda ciência seria supérflua se houvesse coincidência imediata entre a aparência e a essência das coisas (...)”. (MARX, 2008, p. 1080)

Os aspectos metodológicos e filosóficos são pouco estudados dentro do campo da ciência econômica (FUCIDJI,1999). Mesmo com grandes divergências relacionadas a interpretações de fenômenos econômicos e a suposta falta de aderência entre teorização e realidade, a reflexão sobre esses temas é deixada de lado pelas mais variadas linhas de pensamento dentro da economia. Geralmente, as discussões sobre os assuntos econômicos estão ligadas aos resultados das análises e desassociadas do método ou da filosofia que o(a) economista emprega na abordagem dos temas de pesquisa, ainda que existam cientistas que se atentam a essa forma de investigação. Assim, entre os economistas preocupados com as relações metodológicas e filosóficas na economia, é notável a participação de heterodoxos em grupos de pesquisa que utilizam a filosofia do Realismo Crítico para examinar, de diversas perspectivas, temas da economia e criticar a capacidade do método eleito pela corrente convencional. Desse modo, para a pesquisa que este projeto propõe é essencial entender as origens e os significados do Realismo Crítico e transcendental, bem como investigar as possíveis contribuições do Realismo Crítico para o aprofundamento dos debates econômicos.

Denomina-se método como o procedimento racional que a partir de um processo lógico e ordenado consegue produzir conhecimento. Para o professor de economia e filosofia Kevin Hoover, o conhecimento é uma construção subjetiva e social, sendo assim provido intrinsecamente de questionamentos e críticas. Para o autor, mesmo aqueles que desdenham da importância da metodologia no conhecimento científico estão de certa forma se manifestando sobre o método na ciência. Adentrando no campo da Economia, possuímos o exemplo da economista Deirdre McCloskey, em seus escritos é sugerido que a metodologia na economia deveria ser substituída pela retórica, de forma como se a metodologia fosse um procedimento evitável. Ou seja, aquele que sugere o desprestígio do método está difundindo um modo de como se produzir conhecimento (HOOVER, 2007). Esse modo é intimamente relacionado com a ontologia entendida ou subentendida dos economistas, e, conseqüentemente, com a filosofia da ciência. Portanto, é relevante expormos, mesmo que de forma sucinta, o contexto em que o Realismo Crítico surge e a que ele se contrapõe.

3.1 FILOSOFIA E METODOLOGIA NA ECONOMIA

A corrente dominante atual da economia possui diretrizes metodológicas e ontológicas formuladas e difundidas por filósofos da ciência do século XX, possivelmente o mais influente teórico seja Karl Popper. O austríaco buscou rejeitar determinados conceitos oriundos do positivismo, sobretudo procurou recusar as proposições e os critérios de confirmação (princípio da verificabilidade) sustentados por pensadores do círculo de Viena. Para ele, o conceito de falseabilidade deveria ser a demarcação do que pode ser considerado científico. A explicação se baseava em que o método indutivo, proeminente no período, seria suscetível a comprovação de algo que já se acredita, assim a teoria estaria com alto grau de vulnerabilidade em relação a noções pré-concebidas. Enquanto o princípio formulado por Popper buscava refutar as hipóteses teóricas se, e somente se, a teoria passível de refutação empírica fosse falseada, possuir-se-ia um conhecimento científico. Essa concepção ou ética revolucionou a metodologia, influenciando as ciências naturais, exatas e, até mesmo, as sociais, em especial a ciência econômica (FERNÁNDEZ E MARIN, 2004).

Anos mais tarde, com inspirações popperianas, Thomas Kuhn descreve o comportamento científico com a ideia de paradigmas dominantes, a qual é julgada como importante para o desenvolvimento da produção de conhecimento; porém é delimitada pela ciência revolucionária. Também com a adoção de princípios desenvolvidos por Popper, Imre Lakatos sistematiza as técnicas da comunidade científica com a noção de programa de pesquisa científico e o falsificacionismo sofisticado, entendendo que o desenvolvimento de novas teorias surgiria de conteúdos empíricos mais apurados (JERONIMO E SIQUEIRA, 2018). Tais teóricos foram referenciados por parte do debate brasileiro sobre ortodoxia e heterodoxia, e por isso as teorias laktosianas e khunianas serão aprofundadas e relacionadas à ontologia e ao método na economia no próximo capítulo.

Outro pilar de sustentação filosófica e metodológica da economia convencional é as orientações de Milton Friedman¹. Em seu célebre texto “The Methodology of Positive Economics”, o economista defende o positivismo como a filosofia da ciência mais útil para a teoria econômica. O amparo utilizado pelo autor é no sentido em que as teorias e seus pressupostos devem ser avaliados de acordo com seu poder preditivo e não conforme a aderência das hipóteses ao mundo real. A partir dessa ideia, Friedman defende que os pressupostos são apenas

¹ Essa afirmativa será aprimorada e referendada a partir da inclusão dos textos de Marcos Lisboa na presente monografia.

“extravagancias” da realidade, pois todos os modelos e suposições do real estão errados, sendo importante a utilidade (predição) teórica e não o realismo de seus pressupostos; dessa maneira, o papel do economista seria simplificar as hipóteses e construir modelos que possam prever o que acontecerá na economia (FRIEDMAN, 1953.).

Tais argumentos forneceram ingredientes para a defesa do instrumentalismo, inclusive por parte da linha ortodoxa brasileira que será exposta em capítulos posteriores. Aliada a essa concepção, Friedman adotou o individualismo metodológico em suas obras seguindo a convicção neoclássica, metodologia a qual é coerente a ideia de que a economia é formada por indivíduos racionais maximizadores que, a partir do livre mercado, tendem à estabilidade e ao equilíbrio. Tal compreensão pode ser considerada como uma das principais concepções do *mainstream*, encontrando-as nos principais livros-textos de economia e influenciando concepções políticas, como observado no discurso da ex-primeira-ministra da Inglaterra: “Não existe essa coisa de sociedade. Existem homens e mulheres individuais, e existem famílias.” (THATCHER, 1993).

Exposto o panorama geral da filosofia constituidora da corrente principal da economia e contraposta por Lawson, adentrar-se-á no surgimento da filosofia contestadora das práticas *mainstream*. Segundo o economista José Ricardo Fucidji, até os anos de 1950 a filosofia da ciência estava assentada e sem grandes debates, o mundo científico estava baseado no positivismo e no dedutivismo; estabelecido a partir da ideia de que a ciência se constituía em construir uma teoria e testar essa contra dados observados na realidade. À vista disso pode-se pontuar que, o positivismo implica na busca de regularidades e suposições causais não só no campo das ciências naturais, como nas ciências sociais. Para os seguidores do método positivista a experiência sensível e os dados concretos seriam o único modo de pesquisa científico, logo, deduzindo condições sobre o objeto e excluindo as análises dos fenômenos “metafísicos”; e, dessa forma, os positivistas entendiam que as alegações científicas deveriam ser “purificadas” com o uso de uma abordagem formal (FUCIDJI, 2013). Em decorrência, o dedutivismo, inerente ao método positivista, gera a concepção de que a ciência tem como objetivo a previsão ou descrição dos eventos sociais, já que a procura por explicações sobre as sucessões de eventos estariam no domínio abstrato em que o estudo científico não seria eficaz. Assim sendo, o método dedutivista aplicado pelo positivismo implica no raciocínio conceitual em que ‘sempre que acontece X, acontece Y’, resultando em encerramentos que isolam outras variáveis e aspectos estruturantes.

Nessa conjuntura o matemático Willard van Orman Quine escreve “Two Dogmas of Empiricism”, o artigo desmistifica a concepção da existência da neutralidade dos dados e que

esses, por si só, possam assegurar a validade de alguma teoria. Para Quine, o próprio interesse do pesquisador sobre algum assunto significa que o investigador possui informações teóricas pré-estabelecidas à aferição dos dados. Desta forma, as teorias são marcadas por dados e os dados são marcados por teorias. Nessa direção, surgiram diversas perspectivas acerca da filosofia da ciência com base nas ideias de Quine. Enquanto alguns autores, como Thomas Kuhn, apontaram a inexistência da prova absoluta que possa invalidar uma teoria, outros filósofos, como Richard Rorty, arguíram no sentido de que a realidade é cocriada pelas teorizações da sociedade (HOOVER, 2007.).

3.2 REALISMO TRANSCEDENTAL

E ainda, em outro prisma, surge o realismo transcendental, interpretação onde não há provas objetivas nem refutação definitivas (contra o instrumentalismo), porém é necessário trabalhar no sentido de preservar o senso de realidade (contra o relativismo). O Realismo transcendental teve como seu principal teórico Roy Bhaskar, a sua crítica a aspectos kantianos deu origem a esta filosofia, na qual é apontada a existência contínua de relações, pensamentos, motivos etc. antes da realização de qualquer evento. Bhaskar, compreende a ciência de forma diferente do positivismo, o teórico sugere que a ciência não tem como objetivos únicos a previsão e descrição (contra o empirismo), mas, também, o propósito de explicar os fenômenos que são cognoscíveis (contra o idealismo) e nesse sentido, para explicar é preciso analisar ontologicamente a realidade.

Em vista disso, Bhaskar aprimorava sua crítica dividindo a realidade em três camadas: 1) Superficial, a camada empírica, a qual podemos notar a partir dos sentidos. 2) Factual, camada onde aquilo que é percebido não é necessariamente objetivo, podemos esclarecer essa camada exemplificando com um jogo de futebol: quando o time rival faz um gol, em um sentido empírico da camada superficial, podemos sentir tristeza, porém para o torcedor rival é provável que tenha ocorrido um sentimento oposto, alegria. Isto é, se o cientista se concentra apenas no sentido empírico é provável, pela distância da percepção e do fato, que desperdice informações relevantes. A partir dessa ideia, que, mais tarde, o Realismo Crítico ponderará o uso da econometria nas ciências econômicas. 3) Profunda, nível em que existe as estruturas, tendências e mecanismos da realidade. Onde a concretização das estruturas e tendências vai depender dos gatilhos existentes. As três camadas estão interligadas quando a camada profunda produz o factual e em vista de certas variantes é percebida (FUCIDJI, 1999).

Figura 2: Realidade para Bhaskar

	Domínio Real	Domínio Efetivo (actual)	Domínio Empírico
Mecanismos	X		
Eventos	X	X	
Experiências	X	X	X

Fonte: Bhaskar (1975, p. 47)

Observando o quadro acima (Figura 2), entende-se que observações e testes apenas nos indicam conhecimento sobre a camada empírica, de mesma forma, o conhecimento sobre o domínio profundo só é possível com a análise das experiências, dos eventos e dos mecanismos, sendo esse último o fator determinante para o desenvolvimento das camadas menos profundas. É nesse sentido e com base nesse entendimento que Bhaskar propõe a crítica ao instrumentalismo vazio e o enaltecimento do estudo ontológico para a melhor compreensão do real, visto que apenas o estudo da natureza dos objetos nos permite alcançar o domínio profundo.

Roy Bhaskar aprofunda a noção de ciência diferenciando as ciências naturais das ciências sociais. Nesse contexto o filósofo entende que é necessário adquirir conhecimento sobre as percepções ontológicas da realidade, já que para obtermos o método científico adequado deve-se ter explícito qual é a natureza do fenômeno. Para o inglês o domínio social carrega quatro fundamentos: 1) é aberto, ou seja, o que aconteceu poderia não ter acontecido, existindo uma capacidade das coisas serem ou não ativadas. 2) o fundamento da intencionalidade, podendo ser destrinchado em dois aspectos: o do conhecimento, intrinsecamente significativo e que reage a estruturas sociais mudando e mantendo de acordo com a ativação dos mecanismos; e o da durabilidade, que implica na ideia de que certas tendências possuem graus de conservação nos processos históricos. 3) a emergência, concepção em que a ideia de todo é distinta do mero somatório das partes. Para ilustrar, examina-se o exemplo de um comportamento da demanda agregada na economia, para um empresário (parte) a elevação do salário dos trabalhadores pode ser prejudicial para a lucratividade da sua empresa, no entanto

essa mesma elevação dos salários em um sentido agregado pode elevar o poder de compra dos consumidores e aumentar os lucros de empresas no geral. 4) a totalidade, somado ao terceiro aspecto, aqui Bhaskar vê o domínio social como sistemas interrelacionados. Como exemplo, tem-se a natureza relacional inerente de um professor-aluno, em que nesse caso sem um não existiria o outro, por isso os fenômenos sociais não podem ser sempre redutíveis aos indivíduos, ao atomismo.

3.3 REALISMO CRÍTICO E TONY LAWSON: A ONTOLOGIA NO *MAINSTREAM* E NA HETERODOXIA

A transposição do realismo transcendental para o Realismo Crítico na economia se dá a partir do autor Tony Lawson, que adequa aspectos do realismo transcendental para o âmbito dos objetos da ciência econômica. O economista desenvolve o Realismo Crítico em artigos e livros, principalmente a partir dos anos 1990, e, é seguido por alguns economistas ligados à universidade de Cambridge, na Inglaterra, onde é constituído o *Cambridge Social Ontology Group*. Nesse contexto, Lawson adiciona à filosofia em foco um elemento fundamental para sua crítica: no mundo social, as condições empíricas são inexecutáveis, o que faz do formalismo inviável para grande parte das questões econômicas. Nesse sentido, o autor elabora que a realidade social é estruturada, porém com mecanismos estruturantes mais maleáveis e descontínuos do que em relação às ciências naturais.

A preocupação de Lawson com a realidade social já denota que a questão ontológica é fundamental para o Realismo Crítico. Para o economista, a ontologia é o aprofundamento teórico sobre a natureza das categorias e das estruturas reais analisadas. Dessa forma, pode-se resumir a ontologia como o estudo da natureza do objeto, o estudo do ser, e, a partir disso, poder-se-ia inferir que para a aceitação de qualquer método de análise, aceita-se, implicitamente ou explicitamente, a ontologia carregada nesse método. De tal forma que, todos nós estamos adotando posições ontológicas quando concordamos com uma teoria. O que pode ser observado como a raiz da crítica de Lawson a economia *mainstream*, que para o inglês, utiliza o método preterido sem abordar a realidade social do problema em questão.

O problema reside na metodologia utilizada, ênfase na modelagem matemática. A realidade não tem condições correspondentes ao método utilizado. O método é o cerne dos erros da economia moderna, não basta a crítica ao teórico e político. O método exige que, ainda que implicitamente, o mundo é fechado habitado por átomos isolados. Os métodos matemáticos dedutivos são regularmente aplicados em condições para as quais não são apropriados (LAWSON, 2015, p. 3).

Nessa perspectiva, Lawson observa que a importância da ontologia para ciência se dá no sentido em que a concepção ontológica sobre o objeto estudado vai delimitar o método(s) para a análise de tal categoria. Ou seja, a natureza do problema irá servir de base para a escolha do ferramental metodológico. Por outro lado, em contraposição ao ideal de Lawson sobre a importância ontológica está a economia convencional. Na visão do autor, os economistas da corrente principal utilizam, desde a revolução matemática dos anos 50, sempre o mesmo método para qual for a natureza do problema. Referendando um exemplo construído por Lawson, é como se os autores do *mainstream* usassem a mesma ferramenta para consertar um vazamento no banheiro e para consertar uma televisão (LAWSON, 1997.). Esse erro decorre do abandono da ontologia explícita.

Ao contrário, tem-se a heterodoxia e a economia política. Karl Marx faz reflexões ontológicas em seus escritos antes da formulação das suas teorias, exemplo: a explicitação da natureza sobre valor e mercadoria; Adam Smith, por sua vez, discute a essência do homem antes da explicação sobre o funcionamento da economia; já, John Maynard Keynes discorre sobre a incerteza antes de sua obra principal. Na visão de Lawson, esta é a principal distinção da heterodoxia e da economia passada em relação aos convencionais modernos. Enquanto na visão da ortodoxia brasileira presente no debate que será abordado, as concepções ontológicas da heterodoxia ou da economia política são uma mera interpretação ideológica da economia. Sendo assim, o fazer científico do *mainstream* implica em uma ontologia implícita carregada na categoria epistemológica: a natureza do objeto estudado fica ao encargo da epistemologia. Roy Bhaskar classificou esse equívoco como uma falácia epistêmica. Essa falácia compreende que a natureza dos objetos deve ser analisada em termos das hipóteses e dos resultados das diversas ciências.

Para o Realismo Crítico a realidade é complexa, mas é decifrável e explicável a partir dos estudos científicos. Assim, o objeto para os realistas críticos é o oposto do objeto dos empiristas ou positivistas que marcam a economia convencional, já que estes não sugerem a explicação das estruturas e mecanismos sociais, mas sim, da observação empíricas de regularidades fechadas. Logo, a atividade do realista crítico se baseia na tarefa de conhecer a natureza que está contida na camada profunda da realidade. A complexidade dessa atividade se dá na razão de que o nível profundo é mutável de acordo com o tempo e de acordo com as configurações de sistemas adjacentes que influenciam ou deixam de influenciar o objeto principal, produzindo defasagens entre os três níveis expostos por Roy Bhaskar (SETTERFIELD, 2003). Nesse sistema aberto aos processos históricos, naturais e sociais, não há circularidades rígidas; as

repercussões podem ser originadas por causas diferentes de acordo com cada situação, não havendo regularidades imutáveis como é determinado pelo realismo empírico, no qual a raiz de pensamento se assenta no positivismo e no dedutivismo.

Surge, então, a questão primordial da autocrítica da linha de pensamento do Realismo Crítico: como saber que atingimos a realidade? Para responder à questão deve-se recorrer a Lawson. O autor cita que se deve focar na ontologia e que a certeza é inexistente, porém existem três princípios que podem auxiliar na leitura dos objetos sociais. 1) realismo ontológico, os objetos são estruturados e a estrutura existe independente das nossas percepções; 2) relativismo epistemológico, deve-se perguntar e duvidar de nossas crenças; nessa perspectiva, se faz importante a diversidade metodológica para a confrontação de ideias; 3) racionalidade de arbítrio, em termos de Lawson “*judgement*”, ou seja, a escolha do método e a linha de pensamento deve ser aderente ao bom senso, que, segundo o autor, é inescapável do processo científico (FUCIDJI, 2013).

3.3.1 Abstração e Isolamento

Ao se aprofundar no pensamento de Tony Lawson, deve-se abordar outro entendimento do autor, o qual pode elucidar a relação entre a análise ontológica proposta pelo Realismo Crítico e a crítica de Lawson ao projeto de modelagem matemática do *mainstream* econômico. Nesse sentido, Lawson avalia economia dominante como isolacionista e entende a abstração como método mais robusto para o estudo científico no campo econômico. A abstração de acordo com o significado tradicional é o ato de se concentrar em certos aspectos de algo negligenciando (momentânea) outros. É um processo de dedicar-se em algum(s) enfoque(s) do objeto, enquanto outros permanecem em segundo plano. Em outras palavras, abstrair é focar nos aspectos de algo, embora não se esteja assumindo a inexistência de outros. Por outro lado, o método do isolamento teórico, é um método pelo qual um conjunto de elementos é removido teoricamente da influência de outros elementos em uma dada situação. Ou seja, isolar teoricamente é precisamente tratar os aspectos não focalizados como inexistentes, ou pelo menos como isolados, como não tendo influência sistemática (LAWSON, 2003.).

Nesse sentido, Lawson aponta que a economia tradicional utiliza a categoria do isolamento na formulação das teorias econômicas, via modelagem matemática, abdicando da abstração. Esse fato é metodologicamente problemático, já que, para o autor, a economia deve ser entendida como um sistema, que só é possível pensar a partir de suas relações, de forma não-atomizada (LAWSON, 2003.). Para Lawson, o *mainstream* usa um conjunto de métodos ou

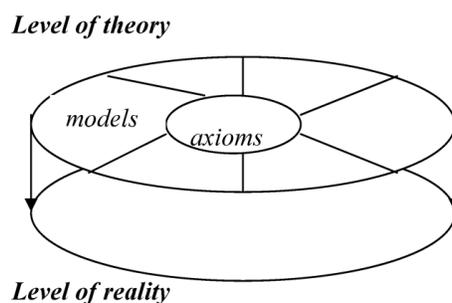
formas de proceder frente às questões com base no dedutivismo, na formulação de leis e casualidades, na generalização de leis a partir de observação, no empirismo e na identificação de regularidades. Dessa forma, os economistas convencionais deixam de abordar a economia com o senso de realidade aberta, onde é possível a abstração. Assim sendo, em Lawson, para obter conhecimento, deve-se acessar as estruturas reais dos mecanismos, analisar a realidade como um todo, e não só o resultado de uma variável isolada em relação a outra, como é teorizado pela economia *mainstream*, ou, como Lawson também se refere, a economia moderna.

Tony Lawson pontua que a forma neoclássica atomiza a sociedade de modo que a lógica individual é transportada para a lógica do todo; sendo esta uma forma teórica de isolamento. Porém, o estudo da sociedade só é possível a partir do entendimento das relações, pois a ação social é intrinsecamente relacionável (LAWSON, 2003). Em vista disso, as falhas da economia atual não estão no nível da teorização substantiva, estão no nível da metodologia e ontologia social. Insistir na aplicação da modelagem matemática, em uma realidade aberta, seria um erro, porque o uso generalizado da matemática e da econometria não serve para prever o comportamento humano, uma vez que esse modelo atomista não permite entender a estrutura do sistema, da totalidade maior. Em vista disso, o *mainstream* se recusa a usar termos que se referem ao todo e a processos sociais, como as categorias liberalismo ou capitalismo, em suas teorias. Portanto, aplicar a matemática requer o fechamento do sistema; significa abordar a economia a partir de indivíduos atomistas ou entidades, átomos que exercem o seu próprio efeito, independentes, invariáveis e equivalentes em qualquer contexto. O que não é observado na sociedade e na economia se utilizado o método do Realismo Crítico aliado a abstração.

3.3.2 Sistemas abertos e Sistemas fechados

Ao decorrer desse trabalho é apresentada a ideia de sistemas abertos e sistemas fechados como ponto importante para o entendimento da crítica de Lawson. Nesta seção, será apresentada, com maior detalhamento, qual é o significado da abertura ou do fechamento de sistemas e suas relações com os métodos empregados na ciência econômica. Nas palavras de Tony Lawson, “A realidade social é aberta e incerta quanto ao futuro. Porém, isso não significa que a economia não permite entender o futuro.” (Lawson, p. 3, 2015.). Essa frase aponta para o sentido de que o entendimento do autor é de que, primeiro, a economia é uma área da ciência social; segundo, a realidade onde a economia está inserida é composta por um corpo social que, a qualquer momento, poderia ter agido de forma diferente; e, terceiro, que o fato da incerteza e da abertura dos sistemas não significa o relativismo proposto por autores pós-modernos.

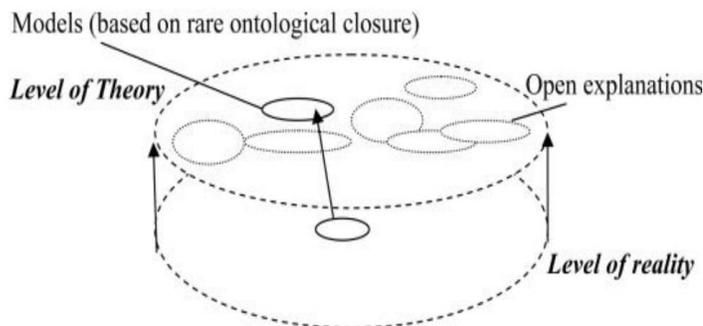
Figura 3: Prática ortodoxa



Fonte: Chick e Dow (2005, p. 375)

Retornando ao realismo transcendental de Bhaskar, aqui se pode relacionar que o nível profundo serve de ferramental para a ação intencional da sociedade. Nessa perspectiva, os processos que estruturam a realidade transformam o indivíduo e são transformados pelo próprio, gerando efeitos dialéticos que produzem novas configurações do real. Desse modo, tem-se como exemplo maior a linguagem, a qual estrutura nossos pensamentos, porém é modificável de acordo com o tempo, a região e a classe social. Ao contrário, na visão individualista metodológica (atomizada), os indivíduos não possuem relação intrínseca com a realidade relacionável e mutável, logo, estão fadados a prosseguir no mesmo percurso independente do tempo e do lugar, e, portanto, na economia convencional, estão fadados a serem maximizadores de uma utilidade fictícia, que busca significar felicidade. Ou seja, a concepção do individualismo da economia neoclássica e reproduzida na economia dominante é compatível com o dedutivismo pregado por economistas *mainstream* (Figura 3). Sendo assim, essa perspectiva manifesta a essência do sistema fechado, visto que, todo resultado tem a mesma causa e as alterações externas no contexto do problema econômico não influenciam na conclusão.

Figura 4: Realismo Crítico



Fonte: Chick e Dow (2005, p.376)

Para a melhor compreensão do pensamento do Realismo Crítico em relação a abertura ou fechamento de sistemas no campo da ciência econômica apresentamos as figuras 3 e 4 elaboradas pelas economistas Victoria Chick e Sheila Dow. A figura 3 representa como é o entendimento da economia convencional em relação a ligação entre teoria e realidade, no caso, as linhas contínuas representam um sistema fechado e a partir de axiomas são formados modelos que explicam o nível real da economia. Em contrapartida, a figura 4 representa como o Realismo Crítico entende as relações entre realidade e teorias, percebe-se as linhas pontilhadas como sistemas abertos; como visto na imagem, teorias ou modelos fechados apenas explicam realidades fechadas, enquanto teorias com caráter ontológico aberto revelam realidades abertas.

3.3.3 Modelos Matemáticos, Econometria, Equilíbrio e Contraexemplos

O fechamento de sistemas, característico da teoria convencional, pode ser associado a modelos matemáticos e econométricos. Em Lawson, a crítica ao *mainstream* vai ao encontro de uma percepção em que a economia atual é exacerbadamente formalizada. Nesse sentido, a utilização demasiada dos modelos matemáticos e econométricos é vista como uma desassociação entre a natureza da maioria dos problemas econômicos e o método utilizado, excessivamente formal. Na lógica do Realismo Crítico, o abandono da pesquisa ontológica e consequente seleção de dedutivismo ocasiona a busca de modelos rebuscados, porque o quão mais formal estiver o objeto pesquisado, mais consagrado será a investigação proposta. Nesse contexto, Chick sugere que frequentemente os grandes centros de pesquisa econômica demandam a formalização das ideias propostas por economistas, o que expressa o aprisionamento dessas ideias na forma de modelos equacionais (SETTERFIELD, 2003.).

Primeiramente, deve-se sempre pressupor uma ontologia, ou seja, dizer como o mundo é para que a ciência exista. No caso das ciências sociais, esse mundo tem que ser aberto. Do ponto de vista prático, Lawson entende que, quando um economista vai modelar, este precisa perguntar a si próprio se na configuração do problema posto em discussão, a realidade, é passível de ser modelada (LAWSON, 2015.). Elucidando, em determinados contextos existem fechamentos parciais da realidade, caracterizados por semi-regularidades. Por exemplo, na engenharia de tráfego urbano. É possível usar modelos para calcular e prever certo movimento de carros, mas isso só é possível porque, naquele contexto específico, a realidade é fechada (hora do almoço, saída da escola, fins de semana e feriado com a temperatura aumenta etc.). Ainda, Lawson cita outro exemplo: os fatos estilizados de Kaldor, visto que nesse estudo existem padrões de eventos observados dominantes em relação a outros (LAWSON, 1997.). No caso da modelagem heterodoxa, a questão é a mesma, cada caso deve ser analisado ontologicamente

para ver o que está sendo suposto e como o objeto de estudo se comporta ontologicamente. No caso, se faz primordial o entendimento de que, Lawson não é contra a modelagem na economia, o teórico apenas enxerga que a modelagem deve ser resultante da forma como o propósito é analisado previamente.

Como exposto no segundo capítulo, a corrente principal da economia, por origem da economia neoclássica, tem como pilar teórico o equilíbrio. Tal noção pode ser analisada a fim de demonstrar o fechamento de sistemas e a modelagem matemática na economia atual. Essa categoria é utilizada de diferentes formas dentro do *mainstream*, podendo haver inúmeros pontos de equilíbrio dentro de um mesmo corpo teórico ou, até, existindo apenas uma situação de equilíbrio; porém, de maneira geral, o equilíbrio é uma solução dentro de um sistema de equações, em que, com o ferramental matemático ou econométrico, pode ser encontrado dada as outras variáveis do modelo. Logo, indicando uma realidade social fechada. Em outras palavras, a ortodoxia busca analisar os problemas econômicos amparadas no método dedutivista que levam ao reconhecimento do equilíbrio como categoria fundamental, em consequência, questões relacionadas à política e história são subvalorizadas, subtraídas ou tratadas de forma fechada. Exemplificando com situações práticas da economia, o nível da taxa de juros não é determinado a partir de questões políticas, de interesses de classe e de contextualizações; mas, sim, apenas de equações com variáveis numéricas.

Entretanto, na visão do realista crítico Mark Setterfield, existe a possibilidade de os modelos na economia serem abertos, sem implicar em previsões e, conseqüentemente, não proporcionar respostas fechadas. Para o autor, a abordagem do *mainstream* tem como justificativa teórica o argumento de Friedman, em que as “leis” e hipóteses não precisam obter acordo com o que é observável na economia real, sendo a suposta utilidade do modelo suficiente para o aproveitamento na teoria econômica (SETTERFIELD, 2003.). Nesse sentido, Setterfield, encontra na metodologia *ceteris paribus* um tipo de modelagem possivelmente aderente com a realidade social-econômica. Em vista desse método, o desenvolvimento do pensamento econômico pode se beneficiar da modelagem *ceteris paribus* para construir teorias condicionais parciais, já que estes modelos abstraem variáveis empiricamente fundamentadas.

Setterfield explicita que a teoria geral keynesiana é um exemplo de conjunto de modelos com sistemas abertos *ceteris paribus*. No caso, Keynes, para explicar o nível de renda, utiliza elementos como *animal spirit*, do qual a evolução, não descrita em modelos, envolve configurações com distribuição em momentos variantes no tempo. Ademais, alguns parâmetros são duradouros e fixados por Keynes, mas o ponto teórico central é que a mesma causa pode

implicar em efeitos diferentes; ou seja, a propensão marginal a consumir, variável importante na teoria, é um valor mutável e indeterminado, que está de acordo com as incertezas da sociedade e resulta na abertura de sistemas, pois há partes convencionadas e instrumentalizadas, mas o modelo não pretende prever o resultado do sistema em questão. O realce da teoria está na descrição das estruturas da economia capitalista, não na determinação de períodos cíclicos, de valores da renda nominal ou reprodução de regularidades de eventos. (SETTERFIELD, 2003).

3.4 PLURALISMO E EVOLUCIONISMO

Para o Realismo Crítico, a unificação da economia tradicional se dá através do método científico, o método matemático-dedutivista. Em contrapartida, a característica que engloba a heterodoxia é, justamente, a oposição ao método eleito pelo *mainstream*, e, conseqüentemente, o pluralismo metodológico (LAWSON, 2006.). Para o autor Bruce Caldwell, a heterodoxia utiliza o estudo do método com o propósito de criticar a prática convencional. Na outra ponta, os economistas convencionais desdenham de tais críticas, porém, de forma contraditória, empregam argumentos metodológicos, de forma implícita, para demarcar o que é e o que não é ciências econômica (CALDWELL, 1985).

Por vezes o papel do metodologista na economia pode ser confundido como um trabalho de prescrição à prática científica legítima, para a escolha entre teorias concorrentes, e, com isso, resolver o problema de demarcação. No entanto, Caldwell entende que esse não é o papel da pesquisa metodológica, já que essa postura incorre no erro da busca pelo encerramento de debates. Desse modo, o pluralismo metodológico, defendido pelo autor, procura familiarizar os economistas com os desenvolvimentos recentes da filosofia da ciência e sua relação com os problemas atuais. Além disso, o pluralismo pode ser útil para esclarecer a linguagem do campo econômico, eliminar debates semânticos e rejeitar argumentos positivistas de autoridade (CALDWELL, 1985).

A filosofia da ciência tem o papel de dar respostas quanto à questão da demarcação científica na economia, todavia a metodologia não se encarrega de tal problematização. Apesar da menor preocupação com o anarquismo das teorias em relação a demarcações dogmáticas, não significa que o pluralismo aceita a ausência de padrões, já que, para os pluralistas, a crítica aos programas de pesquisa é intrinsecamente central. Para a linha pluralista da metodologia na economia, o foco não deve ser descobrir quais teorias são verdadeiras. O pluralismo não faz alegações epistemológicas; o cerne é permitir a melhor compreensão da prática dos economistas (CALDWELL, 1985). Nesse sentido, é promissora a diversidade de teorias, visto que, sob uma

perspectiva realista crítica, as teorias carregam sua ontologia, não existindo fato sem teoria; logo a multiplicação de teorias multiplica o conhecimento científico.

Concatenando o Realismo Crítico de Tony Lawson e o pluralismo metodológico de Bruce Caldwell, pode-se chegar na conclusão da economista Sheila Dow (CHICK E DOW, 2005). Em que, a resposta sobre o porquê de os economistas da linha principal estarem fracassando nas explicações teóricas sobre as crises econômicas e os movimentos da economia global é originado na aplicação do método único matemático-dedutivista. Nessa direção, a autora é adepta ao darwinismo metodológico, o qual para termos evoluções no campo teórico é necessário que haja variabilidade de teorias e de métodos.

4. O DEBATE DAS MISÉRIAS E DAS IDEIAS

O debate sobre as correntes de pensamento da economia não são exclusividade dos países europeus e dos Estados Unidos; pelo contrário, especificamente, dentro do Brasil há discussões teóricas na academia e até mesmo na mídia. Posto isto, a intenção da pesquisa que está sendo realizada é examinar os principais debates na história do pensamento econômico sobre o tema e dialogar com os princípios da filosofia do Realismo Crítico. Para tanto, deve-se apresentar tais debates brasileiros, os quais foram importantes para o aprofundamento dos preceitos da economia convencional e da economia heterodoxa na academia e, até mesmo, na política nacional, através da notoriedade em veículos de imprensa influentes.

Primeiramente, será exposto os dois principais textos e ideias do economista Marcos Lisboa, um professor ortodoxo de prestígio entre seus pares e ex-secretário de política econômica do Ministério da Fazenda do governo Lula. Seus textos causaram inquietação no campo econômico atraindo economistas heterodoxos como Mário Duayer, Mário Possas e Fernando Cardim de Carvalho, que elaboraram críticas e repostas aos artigos de Lisboa, ocasionando um amplo debate no fim dos anos 1990. Posteriormente, no ano de 2016, originado por outro debate adjacente acerca das políticas econômicas dos governos petistas, ocorreram discussões entre sobre as categorias ortodoxia, *mainstream* e heterodoxia. Nesse caso, os economistas Marcos Lisboa e Samuel Pessoa do lado ortodoxo travaram debates com os economistas heterodoxos Luiz Fernando de Paula, Elias M. Khalil Jabbour, Pedro Paulo Zahluth Bastos, Luiz Gonzaga Belluzo, José Luiz Oreiro e Paulo Gala no jornal Folha de São Paulo, no Caderno Ilustríssima. Mais tarde, os textos de 2016 foram compilados no livro O Valor das Ideias.

4.1 PENSAMENTO ECONÔMICO BRASILEIRO NO PRIMEIRO DEBATE

4.1.1 A miséria da crítica heterodoxa: Sobre as críticas

No consagrado texto “A miséria da crítica heterodoxa: sobre as críticas”, Marcos Lisboa defende sua concepção sobre o que é a economia ortodoxa e o que é a economia heterodoxa. O autor discute sobre as críticas heterodoxas às análises ortodoxas e apresenta sua visão sobre como a ciência econômica deve se comportar. Ademais, Lisboa procura demonstrar, por vezes de forma satírica, como as críticas heterodoxas são infundadas e viesadas ideologicamente. Desse modo, o autor separa o texto analisando as principais críticas das escolas marxista, pós-keynesiana e neo-ricardiana às principais hipóteses e conceitos neoclássicos, como: racionalidade, equilíbrio, probabilidades, incerteza, neutralidade da moeda e convexidade; para depois defender o uso da modelagem formal e criticar o realismo.

Marcos Lisboa sugere que a crítica heterodoxa confunde a tradição neoclássica com a adesão imediata à defesa de políticas econômicas liberais relacionadas à crença da autorregulação do mercado. Diante disso, o autor propõe que o corpo teórico ortodoxo não está diretamente ligado a resultados conservadores, já que a ortodoxia produz diversas soluções incompatíveis com os preceitos liberais (LISBOA, 1997). Nesse primeiro momento, já é notável que, assim como Lawson, o economista brasileiro não entende a posição política e os conceitos teóricos como aspectos que diferenciam a economia convencional da heterodoxia; também, o inglês e o brasileiro concordam quanto à noção de que a economia *mainstream* está em um processo de crescente formalização matemática.

Entretanto, a noção de Lisboa sobre a natureza da realidade social é bem diferente da visão de Tony Lawson. O brasileiro enxerga a economia como uma área desvinculada da política e, assim, desvincula a ciência econômica da ciência social. Em seus textos (1997 e 1998) e palestras, Lisboa afirma que as discussões sobre conflitos distributivos é um tema para a política, não competindo ao economista articular essas áreas, visto que o sujeito em questão é apenas um pesquisador sobre a eficiência em diferentes situações. Dessa forma, aliada à visão metodológica formalista matemática como fonte máxima e única para a pesquisa da economia, Lisboa compreende que a ciência econômica, ao menos a parte ortodoxa, é cumulativa e não competitiva; dito de outra forma, o autor crê que o desenvolvimento da economia se dá ao longo dos anos a partir da acumulação dos estudos e modelos construídos, desconsiderando a existência de concorrências teóricas e disputas no campo da ciência econômica.

[...] Nenhum modelo, nenhuma construção simbólica, em momento algum, consegue reproduzir o real. Em que medida pode-se discutir o maior ou menor realismo das hipóteses? Em que medida esta discussão é relevante para o economista aplicado? Se todo argumento teórico é uma representação intermediada do real, e os caminhos desta intermediação parecem ser inacessíveis à própria razão, por que não utilizar o modelo cujas previsões apresentam maior compatibilidade com as observações empíricas? (LISBOA, 1997, p. 37)

Essa reflexão, inspirada em Friedman, é o cerne da reposta metodológica positivista para as concepções alternativas. Nessa ideia, entende-se que a defesa do instrumentalismo pressupõe que hipóteses mais realistas geram resultados incompatíveis com os dados; e, modelos matemáticos-dedutivistas, mesmo com hipóteses fantasiosas, levam a previsões confiáveis. Deve-se observar aqui que, a noção desvinculada ou distante da economia, em relação aos aspectos sociais, leva ao entendimento que esta é uma ciência dura, na qual as causalidades se dão de forma exclusivamente matemática e, por conseguinte, o economista é,

ou deveria ser, neutro aos desvios ideológicos. Sendo assim, na lógica de Lisboa, aquele que não aderir ao formalismo e que abstrair os sistemas abertos para construir conteúdo científico econômico, estará fadado a cair em retóricas ideológicas anticientíficas. Nessa visão, toda teoria é uma distorção e uma simplificação da realidade; a ciência deveria avaliar os modelos econômicos segundo a sua capacidade de predição, e não de acordo com o realismo das suposições, dada a impossibilidade de a teoria reproduzir a complexidade do real. O que Marcos Lisboa defende aqui é que o projeto unificador do neoclassicismo ou da ortodoxia é a procura de resultados válidos em diferentes circunstâncias. De modo que, as teorias não precisam ser analisadas do ponto de vista ontológico, apenas os resultados que devem ser considerados.

Sobre a ortodoxia, o economista argumenta que não existe hipótese ou princípio teórico que seja comum a toda 'tradição neoclássica', ao contrário do que pensam os autores heterodoxos. Ao longo do seu artigo, Marcos Lisboa utiliza casos para contrapor as críticas heterodoxa (LISBOA, 1997). Nesse sentido, ele apresenta modelos de diversos autores ortodoxos com pressupostos diferentes das ditas hipóteses da teoria neoclássica, por exemplo, o uso da racionalidade limitada ao invés da racionalidade ilimitada. De modo que, as noções de racionalidade, probabilidade e equilíbrio possam ser flexibilizadas. Para o autor, a natureza da ortodoxia está na ideia de que as teorias são pressuposições lógicas sem a necessidade de aproximação com o mundo real, servindo, apenas, para abordar as relações formais regulares. Dessa forma, não constituindo uma visão sobre mundo, a tradição neoclássica seria apenas o uso de um método científico neutro. Nesse sentido, o economista brasileiro acaba negando a ontologia e o papel dela sobre a ciência, transferindo a tarefa ontológica para a epistemologia. Por outro lado, a natureza da heterodoxia está na interpretação, sendo esta apenas uma forma vulgar de ciência econômica, em que o formalismo e os métodos adequados são deixados de lado em prol de discursos ideológicos.

4.1.2 A miséria da crítica heterodoxa: Método e equilíbrio na tradição neoclássica

No segundo artigo escrito por Lisboa, "A miséria da crítica heterodoxa: método e equilíbrio na tradição neoclássica", é sistematizado o comportamento metodológico da ortodoxia, relacionando com os principais conceitos usados pelos neoclássicos, sobretudo, a essência do equilíbrio para os economistas da corrente em pauta. Assim sendo, nessa segunda parte Lisboa adentra a filosofia da ciência, justificando o uso das abordagens instrumentalista e popper-lakatiana para a construção de uma ciência econômica mais consistente. Por último, é defendido o papel de modelos formais concatenando com os princípios estruturantes da tradição neoclássica.

Novamente, assim como na primeira parte, Lisboa não poupa esforços para legitimar a pluralidade de ideias na ortodoxia. Desse modo, é demonstrado diversas divergências entre economistas da corrente neoclássica, o que alega que o instrumentalismo, caracterizado pelo pragmatismo científico e somado ao método popper-lakatiano, aceita respostas díspares aos problemas econômicos desde que o modelo ou teoria possa propiciar hipóteses passíveis de verificação empírica, gerando previsões factíveis com a realidade e que possa ampliar o grau de falseabilidade em relação a propostas anteriores (LISBOA, 1998). O autor provoca a heterodoxia exemplificando que os escritos de Karl Marx, apesar de profundos, não produziram relações de causalidade, construções teóricas alternativas ou investigações empíricas, tanto quanto o modelo de equilíbrio geral Arrow-Debreu-McKenzie, uma vez que, muitas preposições marxianas não atendem o requisito popperiano de falseabilidade e, por consequência, não são cientificamente robustas (LISBOA, 1998). Ao decorrer do texto, é possível inferir que a crítica apresentada por Lisboa pode ser generalizada para toda heterodoxia.

Lisboa sugere que, contrariamente à crítica heterodoxa, a ortodoxia não é caracterizada por possuir princípios fundamentais óbvios. Ademais, segundo ele, o individualismo metodológico não é essencial na tradição neoclássica desde a “revolução novo-clássica” nos anos 1970 (LISBOA, 1998). Nesse sentido, o autor expõe sua visão sobre os elementos fundamentais do neoclassicismo:

A teoria neoclássica, como entendo, se desenvolve a partir da revolução marginalista e se caracteriza por dois princípios básicos: em uma sociedade de mercado os agentes tomam decisões independentemente de qualquer coordenação *a priori*; • cada agente toma suas decisões tendo em vista o seu interesse, as suas expectativas sobre o futuro e sobre o que espera que os demais agentes irão fazer. (LISBOA, 1998, p. 132)

O individualismo metodológico, em termos kantianos, é a concepção que posiciona o sujeito, por meio de suas experiências, como o principal responsável no desenvolvimento do processo científico; de modo que a sociedade seja composta pelo conjunto das esferas autônomas (SELL, 2017). Visto isso, é possível questionar a compreensão de Marcos Lisboa sobre a corrente ortodoxa não estar adequada ao método individualista. Ainda, abrangendo o método de Friedman e exemplificando projetos ideológicos diferentes dentro da ortodoxia, Lisboa caracteriza a tradição neoclássica como uma constante produção de modelos alternativos, alterações de hipóteses e investigações de novos problemas. Entretanto, apesar da crítica ao positivismo em seu artigo alegar inexistência de uma verdade para tradição neoclássica, é

possível presumir que o economista entende o método neoclássico, baseado em Popper e Friedman, como o único verdadeiramente adequado a ciência.

4.1.3 Réplica de Cardim

Em sua breve resposta ao artigo de Marcos Lisboa, Fernando Cardim de Carvalho, a época professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, entende que mesmo considerando infrutífero responder as críticas de Lisboa à economia heterodoxa, isso de certa forma se fazia necessário, visto que o professor heterodoxo foi citado de forma crítica pelo autor ortodoxo. A discussão era improdutiva, visto que, na percepção do autor, as visões alternativas normalmente não conseguiriam encontrar resultados substantivos falhos internos a corrente rival. Todavia, o texto contém divergências sobre as noções de ergodicidade e equilíbrio (CARVALHO, 1998).

O ponto chave para a distinção da heterodoxia e ortodoxia seria as proposições alternativas. Dessa forma, Cardim de Carvalho identifica que os focos distintos das correntes em questão impossibilitariam a avaliação precisa. No entanto, o autor sugere que a hierarquização dos problemas e categorias econômicas seriam a diferenciação fundamental entre a visão alternativa a teoria neoclássica (CARVALHO, 1998). Visto que o economista heterodoxo não entende que as correntes se definem pelo método ou por conclusões essenciais, pretensiosamente, pode-se entender que a hierarquização escolhida pelos economistas se dá no âmbito ideológico; ainda que Cardim concorde com Lisboa que o papel do economista acadêmico não possa se ater a indagações e investigações metafísicas relacionadas a “projetos invisíveis”.

4.1.4 A miséria do instrumentalismo

Após a grande repercussão na academia dos artigos de Marcos Lisboa sobre as críticas e definições de heterodoxia e ortodoxia, Mário Duayer, então professor de economia da Universidade Federal Fluminense, João Leonardo Medeiros e Juan Pablo Paineira publicaram, em resposta, o artigo “A miséria do instrumentalismo na tradição neoclássica” (2001). No desenvolvimento do texto, os autores abordam os pilares da metodologia ortodoxa, criticando os argumentos de Lisboa e propondo visões alternativas da filosofia da ciência na economia. Essencialmente, são debatidos o instrumentalismo, o formalismo e as prescrições popperianas, categorias que baseiam os princípios metodológicos neoclássicos, segundo Lisboa e os autores heterodoxos citados. Em contraste, o trio sustenta as avaliações argumentando em favor do realismo, da dialética e de outros aspectos metodológicos e filosóficos utilizados pela heterodoxia.

Recorrendo ao Realismo Crítico, o artigo inicia diagnosticando que os autores do *mainstream* praticam posturas anti-realistas em que a ontologia é implícita e problemática na construção teórica ortodoxa. Para os autores, Lisboa é descompromissado em relação a ontologia, mesmo que essa categoria filosófica seja um consenso quanto a sua relevância na filosofia da ciência: toda teoria pressupõe uma ontologia. Desse modo, Duayer entende que é falso o abandono da ortodoxia em relação ao método positivista, como é argumentado por Lisboa (DUAYER; MEDEIROS; PAINCEIRA, 2001). Ainda, isso é explicado pelo incessante empenho da tradição neoclássica em expurgar as noções metafísicas (ontológicas) do conhecimento científico, com o intuito de transformar a ciência em empiricismo imparcial.

Ao decorrer do artigo, o trio de economistas heterodoxos apresenta o que seriam falhas filosóficas do instrumentalismo *a lá* Friedman; a interpretação vai no sentido de que a visão antimetafísica da ciência gera relativismos, tornando o conhecimento um objetivo intangível. E então, significando que, em razão da realidade ser irreproduzível, todo e qualquer pensamento é falso. Com isso, o embaralhamento do conhecimento objetivo com o conhecimento absoluto induz que, para os instrumentalistas, a verdade não é parâmetro para a ciência. Continuando a crítica ao instrumentalismo, os autores explicam que, posto a impossibilidade de testar todas as instâncias empíricas de qualquer hipótese, o aparato instrumental sugere que, filosoficamente, a ciência é apenas um conjunto de teorias falseáveis, todavia não falseadas (DUAYER; MEDEIROS e PAINCEIRA, 2001). Complementando com a concepção de Lawson (1997), de que todos os fatos são carregados de teoria, presume-se que o conjunto de compreensões testáveis e falseáveis está aprisionado pela própria teoria, devido a isso, o próprio escopo teórico autolegitima caminhos para a superação de dados incompatíveis.

“A miséria do instrumentalismo na tradição Neoclássica” também faz críticas ao popperianismo e suas ramificações aceitando o entendimento de Lisboa de que tais posicionamentos metodológicos são fundamentais para a constituição da economia ortodoxa. Nesse sentido, os autores entendem que o método proposto por Popper incorre no erro de operar sob uma perspectiva idealizada livre de sujeição histórica-social. Ademais, de mesmo modo, seus seguidores, Thomas Khun e Imre Lakatos, são presos pela concepção positivista sobre a ciência, pois, em suas teorias sobre paradigmas no campo científico e sobre a noção de núcleo rígido estabelecido pela comunidade científica, desenlaçam-se na validação absoluta da evolução científica associada a técnicas empíricas e preditivas que envolvem lógicas matemáticas tautológicas (DUAYER; MEDEIROS e PAINCEIRA, 2001).

“Nosso objetivo é sustentar a interpretação de que o fracasso da tradição positivista é o fracasso da impugnação à ontologia e que, por esta razão, torna-se incompreensível que sua crítica e superação sejam reclamadas por teorias ligadas a Popper, Khun e Lakatos etc., que também desqualificam a ontologia, ainda que de maneira oblíqua.” (DUAYER; MEDEIROS; PAINCEIRA, 2001, p. 752).

Até então, de forma aproximada, poderia-se conectar as visões dos três autores heterodoxos com a crítica de Tony Lawson. No entanto, Duayer, Medeiros e Paineira adicionam o mérito político para rebater Lisboa e a ortodoxia. Elucidando, a heterodoxia é vista pelos autores como sinônimo de crítica e o mundo heterodoxo pressupõe que a realidade pode e deve ser mudada, e não apenas contemplada; em contrapartida, a ortodoxia é um sinônimo de conservadorismo, de senso comum. Então, sob o ponto de vista dos autores, o empiricismo alega neutralidade, mas verdadeiramente apenas corrobora com a naturalização inconsciente, ou não, das estruturas presentes; dessa forma, a economia convencional naturaliza o capitalismo através da modelagem formal dedutivista, uma vez que, a busca permanente por modelos alternativos, como é definida a ortodoxia por Lisboa, se adequa de forma subliminar e empiricamente ao *status quo* (DUAYER; MEDEIROS; PAINCEIRA, 2001). Portanto, o artigo que responde Lisboa aborda criticamente a fixação pela predição, característica da metodologia neoclássica, contrapondo com argumentos exaltadores do aprofundamento ontológico e diferencia a principal divisão na teoria econômica a partir das metodologias e das visões ideológicas.

4.1.5 Linguagem, procedimento e pragmatismo na tradição neoclássica

Após o artigo publicado por Duayer, Medeiros e Paineira, Marcos Lisboa escreve a sua tréplica em relação às críticas heterodoxas apresentadas, sendo este o último texto dessa primeira discussão. Nesse artigo, o autor relembra as motivações para se debater o assunto; após, é explicitada a diferenciação entre a linguagem analítica formal e o uso dessa linguagem na análise de fenômenos econômicos pelas escolas de pensamento da ‘tradição neoclássica’. Continuando, Lisboa exemplifica controvérsias no pensamento neoclássico; em seguida, o autor sistematiza argumentos retóricos e relativistas na ciência econômica e, por fim, é feita a defesa do pragmatismo e a consequente crítica aos autores heterodoxos que contestaram seu primeiro texto (LISBOA, 2001).

Inicialmente, o economista Marcos Lisboa diferencia a teoria neoclássica da ‘tradição neoclássica’, sendo a primeira o conjunto de teorias formuladas pelos primeiros pensadores neoclássicos e a segunda como a equivalente economia convencional ou dominante. Nessa concepção, a tradição neoclássica seria a aplicação do procedimento utilizado pelos

neoclássicos do século XIX para a realização do processo científico, o que dessa forma não implicaria em definições substantivas comuns aos aderentes da economia dominante. Em consequência, é explicitado através de exemplos que a tradição neoclássica não possui resultados empíricos consensuais, existindo, apenas, o consenso no uso da abordagem empírica (LISBOA, 2001). Por sua vez, o método neoclássico se caracteriza na confrontação de modelos formais através de procedimentos experienciais.

o sucesso teórico desse processo está relacionado à sua capacidade em produzir resultados formais, proposições lógicas e propor novos problemas formais a serem investigados. O desdobramento aplicado ocorre quando estes novos resultados formais resultam em novos modelos falseáveis corroborados. (LISBOA, p. 15, 2001).

Contrapondo o trio heterodoxo, Lisboa entende que a modelagem empírica formal possui “alguma” visão de mundo pré-estabelecida, porém os resultados obtidos podem ser antagônicos às condições iniciais que motivaram a pesquisa, o que significa que o economista neoclássico não controla as conclusões desenvolvidas. Em um segundo momento, os argumentos do autor vão no caminho de que as críticas dos heterodoxos presentes no debate se tornam inválidas mediante a inexistência de um núcleo duro na tradição neoclássica. Para Lisboa, o método da economia convencional não representa o único modo de chegarmos ao conhecimento, mas o único capaz de gerar conhecimento científico (LISBOA, 2001). Nesse sentido, aquilo que não é passível de teste não pode ser considerado científico e, assim, o realismo não pode se diferenciar de suposições anticientíficas. Em outras palavras, dada a concepção popperiana da impossibilidade de resoluções de controvérsias através da forma positiva, as alegações realistas dos heterodoxos não passariam de argumentos de autoridade incapazes de justificação e de predição.

4.2 PENSAMENTO ECONÔMICO BRASILEIRO NO SEGUNDO DEBATE

Durante o ano de 2016 a economia e a política brasileira estavam em processo de crise, o que levou à uma série de discussões sobre as diversas políticas econômicas do governo Dilma Roussef e suas conexões com a teoria econômica. Esses debates ocasionaram o renascimento, nos veículos mais importantes de mídias, das controvérsias sobre a validação das políticas ortodoxas e heterodoxas. Nesse contexto, economistas discutiram o que é ortodoxia e heterodoxia e qual a melhor forma de se analisar a economia no *Caderno Ilustríssima* do jornal Folha de São Paulo. Nesse contexto, foram abordadas questões metodológicas e filosóficas

dentro do campo econômico e, mais tarde, os textos foram compilados e publicados no livro O Valor das Ideais, de organização de Marcos Lisboa e Samuel Pessôa.

4.2.1 Esquerda e direita: curandeiros e metódicos

O primeiro texto publicado foi de autoria de Marcos Lisboa e Samuel Pessôa com o título: “O funcionamento da economia segundo a direita e a esquerda” (2016). Os autores iniciam o artigo apontando a existência de um *trade-off* entre crescimento e igualdade nas economias, e que, nos países desenvolvidos, a esquerda e a direita defendem diferentes políticas para a sociedade (LISBOA E PESSÔA, 2016). Para os economistas citados, o debate no Brasil é totalmente distinto, no qual de um lado há os economistas tradicionais que enxergam o desenvolvimento econômico dependente da formação educacional eficiente de seus trabalhadores e da produtividade sistêmica relacionada à qualidade do marco institucional, em que o que será produzido não é uma questão essencial, e, por outro lado, há heterodoxia, na qual os autores acreditam ser essencial a especificidade do que é produzido, tornando essencial a intervenção estatal para alocar as forças produtivas (LISBOA E PESSÔA, 2016).

Outro ponto de divergência apontado por Lisboa e Pessôa (2016), é a discordância quanto a economia no curto prazo; nessa questão os ortodoxos creem que as economias operam nas proximidades do pleno emprego, enquanto os heterodoxos observam que, na maioria das vezes, as economias operam com ociosidade de fatores de produção, requerendo a atuação do Estado a partir da política fiscal expansionista que, nesse caso, não gera inflação. É possível analisar o discurso de Lisboa e Pessôa, no sentido de que as suas percepções, quanto a heterodoxia, estão ligadas ao desenvolvimentismo e à esquerda, ignorando correntes conservadoras dentro da heterodoxia, como a escola Austríaca. Isso ocorre, também, com os autores heterodoxos que debateram com os economistas em questão.

Para os dois economistas, o *mainstream* prefere as evidências dos dados e a heterodoxia analisa os fenômenos partindo das conclusões já estipuladas; diante disso, é a visão de mundo que determina as relações na economia, necessitando adequar a realidade aos fatos estilizados (LISBOA E PESSÔA, 2016). Aqui Lisboa e Pessôa identificam a ortodoxia como um método de análise sem ideologia, em que os dados e a estatística eficientemente elaborados levam a resultados condizentes com o real funcionamento da economia; já a heterodoxia, desqualificaria os métodos estatísticos e a evidência empírica em prol de uma narrativa ideológica.

Essas concepções são repetidas em outros textos inclusos no debate. Em “Os métodos que dividem as águas no debate econômico” (2016), é questionado como a heterodoxia

seleciona suas teorias, já que são críticos ao modo como é empregado os métodos estatísticos pelos economistas tradicionais. Como seria as hipóteses dos heterodoxos mais realistas? Nesse caso, a resposta sugerida pelos ortodoxos seria a mera adesão a narrativas com argumentos de autoridade e sem possibilidade de testes. É nesse momento, então, que em “heterodoxos e curandeiros” (2016) Lisboa e Pessoa traçam o comparativo com a medicina: o mundo heterodoxo seria equivalente ao curandeiro, que promete novidades e utiliza métodos não tradicionais de caráter duvidoso. Enquanto a ortodoxia, equivaleria a medicina, dado que os convencionais utilizam o método apropriado com a ciência moderna.

4.2.2 As divergências heterodoxas

Após a publicação do texto “O funcionamento da economia segundo a esquerda e a direita”, os autores Luiz De Paula e Elias Jabbour rebatem as críticas à heterodoxia feitas por Lisboa e Pessoa. De Paula e Jabbour apontam que a visão dos ortodoxos possui cunho positivista, o que implica em acreditar na neutralidade da ciência. Os autores, utilizando a referência do filósofo Karl Popper, sugerem que nenhuma teoria é neutra, e que o empirismo não pode servir como sinônimo de conhecimento infalível, já que toda interpretação é teoricamente dependente, inexistindo verdades absolutas, principalmente no campo social. Por outro lado, ao discutir o texto de Lisboa e Pessoa, os autores acima também criticam a noção popperiana que tenta resumir as ciências sociais à obstinada tentativa de falsear as teorias (DE PAULA E JABBOUR, 2016). Portanto, a economia deve abandonar a “ficção positivista”, uma vez que o monismo metodológico característico da tradição neoclássica não consegue abranger a totalidade e dialética do mundo social.

Jabbour e De Paula (2016) definem a ortodoxia como a vertente que tem o comprometimento com o estado de equilíbrio e que enxerga a economia em uma perspectiva individualista, sendo os agentes dotados de algum grau de racionalidade. Em outros termos, além do caráter positivista, a ortodoxia enxerga ontologicamente a economia como contendo indivíduos otimizadores, atomizados e isolados que se inclinam à busca do equilíbrio. De forma contrária a heterodoxia é:

[...]um espectro amplo de abordagens (institucionalista, marxista, neoschumpeteriana, neorricardiana, pós-keynesiana, regulacionista etc.), que se diferenciam pelas suas orientações substantivas particulares, preocupações e ênfases, que têm em comum a rejeição tanto do reducionismo metodológico em prol da pluralidade quanto da noção de que economias capitalistas abstraídas de fricções tendem ao autoequilíbrio com pleno emprego. Busca-se, na abordagem heterodoxa, o máximo realismo das hipóteses e

rejeitam-se o atomismo e o individualismo metodológico que caracterizam boa parte do pensamento convencional.” (DE PAULA E JABBOUR, 2016, P.426)

Nessa perspectiva, os autores identificam que a ciência econômica, devido aos ortodoxos aderirem o método popperiano, está em um processo matematizante, em que a história e a sociologia são excluídas da investigação sobre os problemas e o funcionamento da economia, ao passo que a heterodoxia se identifica como a rejeição ao monismo metodológico. Em comparativo com Lawson, conclui-se que há concordância em relação ao caráter unificador da heterodoxia, mas estão em divergência a respeito de hipóteses substantivas formarem o neoclassicismo. Ainda, Jabbour e Paula são mais maleáveis em relação ao empirismo se compararmos com Duayer, por exemplo. Apesar de os autores pontuarem a dificuldade do teste de causalidade nas ciências sociais, a técnica empírica é vista como útil em certos momentos para a análise econômica.

Em outra resposta heterodoxa, José Luis Oreiro e Paulo Gala escrevem o texto “O núcleo duro da divergência entre ortodoxos e heterodoxos” (2016). Desde o título do artigo, pode-se identificar a discordância mais proeminente entre os ortodoxos e heterodoxos analisados. O critério de demarcação de Lisboa e Pessoa é rejeitado porque, nessa visão, a contraposição entre as correntes da economia ocorre através de um núcleo duro, ou seja, de uma gama de princípios teóricos, não a partir da escolha metodológica. Oreiro e Gala defendem que, ao examinar-se as principais revistas heterodoxas, nota-se que os métodos empregados são rigorosamente os mesmos da ortodoxia. Dessa forma, o que constitui o pensamento ortodoxo é exatamente as premissões da teoria neoclássica, ou seja, a maximização, o equilíbrio de mercado etc. (OREIRO E GALA, 2016). Os heterodoxos, em oposição, seriam aqueles que discordam do núcleo duro neoclássico, aderindo outros princípios fundamentais para teorizar sobre a economia. Os economistas adicionam que a refutação empírica só pode ser efetuada a partir da modelagem regida pelas mesmas regras em que foram circunscritas, de tal modo que o embate entre heterodoxia e ortodoxia só caberia no âmbito das premissas estipuladas por cada escola de pensamento (OREIRO E GALA, 2016).

Em concordância com Oreiro e Gala, Pedro Paulo Zahluth Bastos e Luiz Gonzaga Belluzo acreditam que os pressupostos teóricos é o que difere as linhas concorrentes na economia. A ortodoxia é vista como a corrente teórica com a concepção de que a lógica do indivíduo maximizador é transposta para a lógica da somatória dos indivíduos, da sociedade e a maximização causa inerentemente resultado social harmônico. Já os heterodoxos se unificam pela compreensão de instabilidade intrínseca ao mundo econômico e ao conflito de classes como

motivador das relações econômicas. Os autores ainda identificam a ortodoxia, mais especificamente o pensamento de Lisboa e Pessôa, fundada no individualismo metodológico e nos preceitos de Friedman, em justificativa do irrealismo dos pressupostos e para finalidade de desenvolver modelos abstratos e previsões (BASTOS E BELLUZO, 2016).

Em evidência, percebe-se nesse segundo debate, em 2016, que os economistas “embaralham” conceitos importantes acerca da discussão. Por inferência do que é posto textualmente, se por um lado Lisboa e Pessôa diferenciam a teoria neoclássica da tradição neoclássica, a qual pode ser considerada um sinônimo para ortodoxia e para *mainstream*, Bastos, Belluzo, Oreiro e Gala utilizam os conceitos de economia neoclássica e ortodoxia com o mesmo significado. Posto isto, ao menos por parte dos heterodoxos que participaram do debate na Folha de São Paulo, a avaliação em termos de Lawson (1997) se torna um tanto difícil, porém é notável que as questões ontológicas e metodológicas são levantadas de forma secundária no debate, sendo os critérios teóricos substantivos demarcadores da ortodoxia e da heterodoxia. Em suma, para a heterodoxia a metodologia é significativa nas delimitações entre as correntes, todavia não é exclusiva para definirmos a corrente.

Para alcançarmos o objetivo da pesquisa, se faz imprescindível investigarmos como é empregado os termos ortodoxia, heterodoxia e *mainstream* e seus sinônimos. Na primeira discussão, as expressões *mainstream*, economia convencional e economia dominante são postas de forma análoga à tradição neoclássica e a ortodoxia; contudo, no segundo debate os termos recém explicitados são relaxados de tal maneira que possam ser considerados sinônimos. Desse modo, se fará importante o aprofundamento sobre o emprego de tais categorias nos dois debates e o adendo de que serão necessárias inferências arriscadas para que se possa relacionar o pensamento brasileiro com as noções de Tony Lawson e do Realismo Crítico.

5. REALISMO CRÍTICO E O DEBATE BRASILEIRO

No presente capítulo, confrontar-se-á o pensamento econômico brasileiro nos dois debates apresentados sobre a marcante divisão teórica na economia com as práticas e concepções propostas pelo Realismo Crítico acerca da filosofia da ciência social e, principalmente, com as contribuições de Tony Lawson no tocante as demarcações da heterodoxia e do *mainstream* (2006). Em vista disso, será investigado de que forma o Realismo Crítico pode contribuir para o debate no Brasil e de que forma os economistas brasileiros podem contrapor o Realismo Crítico a partir das particularidades das argumentações. A apuração dessa análise será segmentada em, primeiramente, relacionar noções primordiais dos autores e suas premissas e, seguidamente, contrapor as divergências e semelhanças do pensamento econômico brasileiro referendado com base na teorização do Realismo Crítico e nas delineações defendidas por Lawson; por fim, serão analisados os critérios específicos dadas as contextualizações do Realismo Crítico e do pensamento econômico brasileiro nos textos expostos.

Resumidamente, os princípios formadores do Realismo Crítico, que levam à rejeição do relativismo e do positivismo, serviram para a conclusão de Lawson de que a corrente principal da economia é unificada por sua ontologia, implicando na metodologia *mainstream*; enquanto a heterodoxia, por sua vez, é demarcada pela negação ontológica e, subsequente, metodológica da economia convencional. Esses aspectos serão aprofundados conforme os discursos brasileiros presentes na monografia, para, então, serem verificados aspectos internalistas e externalistas existente na heterodoxia e ortodoxia brasileira. Para tanto, infere-se que, no primeiro debate apresentado, os economistas tratam como sinônimos as categorias *mainstream*, tradição neoclássica e ortodoxia, visto que, por exemplo, Douglass North é indicado como ortodoxo, mesmo sendo considerado novo-institucionalista. A mesma inferência não é facilmente perceptível no segundo debate, visto que os autores não delimitam tais categorias; desse modo, se faz prudente interpretar caso a caso.

5.1 A CRISE DA CIÊNCIA ECONÔMICA

A teorização crítica formulada por Lawson sobre o núcleo unificador da economia convencional traz consigo uma premissa observada pelo autor: a economia moderna está falhando no que se refere às explicações e aos diagnósticos de problemas econômicos e, por consequência, não consegue desenvolver propostas capazes de superar as adversidades da economia real. Em suas publicações, o inglês cita economistas heterodoxos e convencionais que

identificam a falha do *mainstream* em aproximar a teoria do mundo real com o objetivo de respaldar seu pressuposto fundamental: Rubstein, Coase, Leamer, Leontief e Blaug são alguns exemplos (LAWSON, 2006). De certa forma, é previsível que autores heterodoxos identifiquem a falência da corrente principal em relação às respostas dadas aos problemas econômicos, já que a natureza da heterodoxia é justamente a oposição ao *mainstream*; porém, recentemente, alguns economistas de linha mais convencional, como Monica de Bolle e André Lara Resende, começaram a se aproximar de diagnósticos e explicações heterodoxos.

A teoria macroeconômica está em crise. A realidade, sobretudo a partir da crise financeira de 2008 nos países desenvolvidos, mostrou-se flagrantemente incompatível com a teoria convencionalmente aceita. O arcabouço conceitual que sustenta as políticas macroeconômicas está prestes a ruir. (RESENDE, p.01, 2019)

O trecho acima exemplifica a guinada teórica de alguns economistas *mainstream*. No caso, o autor entende que as crises econômicas mais recentes são inexplicáveis pelo arcabouço neoclássico e, em seus livros mais recentes, sugere uma nova concepção sobre a moeda, no qual adota a teoria monetária moderna, ligada ao pós-keynesianismo. Por outro lado, o economista Marcos Lisboa, defendendo o *mainstream*, aponta uma evolução na ciência econômica (LISBOA, 1998). Ao identificar o método dominante como um comportamento constante de busca por maior grau de falseabilidade e o sucesso de novos estudos, o brasileiro correlaciona a ética popperiana com a visão cumulativa na economia.

Em vista dos casos citados e das pesquisas realizadas para esta monografia, percebe-se que a análise sobre o fracasso ou sucesso da economia principal não depende apenas de dados da economia real ou da adesão de políticas econômicas a teorias econômicas convencionais. O conflito entre as correntes de pensamento sobre o êxito ou não das teorias depende da concepção sobre o que significa ciência, o que significa economia e qual objetivo dessas.

5.1.1 O pensamento econômico brasileiro sobre a ciência

A ortodoxia brasileira na presente pesquisa entende que o processo científico é análogo à prática do método consolidado pelos neoclássicos. Ou seja, todos os métodos heterodoxos desassociados do método dominante não devem ser reconhecidos como científicos e, portanto, o pluralismo e a ideia de evolucionismo metodológico devem ser rejeitados. Essa noção pode ser explicada a partir do entendimento de que os ortodoxos brasileiros, mesmo admitindo parcialmente que possuem uma visão de mundo prévia, igualam questões ontológicas a

questões metafísicas. Só o que pode ser testável é reconhecido como científico. Dessa forma, a ciência é vista como um processo que busca a expurgação da ontologia e a consequente perseguição pela neutralidade.

São considerados científicos os argumentos e hipóteses confirmados pela experiência, evitando-se desta forma, segundo os positivistas, as ambigüidades, imprecisões e discussões estéreis usualmente associadas à metafísica (LISBOA, p.117, 1998)

Assim sendo, como visto em Lisboa (97, 98 e 2001), o dedutivismo agregado ao popperianismo e a preceitos de Friedman (1953), constituem, não só o melhor método para análise econômica, mas o único método possível de ser considerado científico. Em contrapartida, os heterodoxos brasileiros abrangem um critério maior para a definição de ciência. Primeiramente, há um afastamento da ciência social, da qual a economia é parte integrante, para a ciência exata ou natural; autores como Jabbour e Paula (2016) apontam que é particularmente “difícil” testar, em critérios de falseabilidade e casualidade, conteúdos relacionados às ciências humanas. Já, para Duayer, Medeiros e Pinceira, a ciência no ponto de vista da corrente dominante na economia é interpretada como apenas um aparato instrumental com perfeito funcionamento no vácuo de aceções. Aproximando-se de Lawson, o trio heterodoxo compreende que a ciência esta fundada em diversas ontologias que apropriam mentalmente a realidade (DUAYER, MEDEIROS E PAINCEIRA, 2001). Portanto, a ciência pode ser um processo em que é inferido uma realidade social aberta, como no caso heterodoxo; ou com uma realidade social fechada, como é característico do *mainstream*.

Para o Realismo Crítico, a ciência é a busca pela identificação dos mecanismos que formam a realidade. Em seus estudos, Roy Bhaskar separa a realidade entre aquilo que existe e aquilo que percebemos; e, então, a ciência é aquela que investiga a concatenação entre o perceptível e a abstração mais profunda. Para o autor, o papel do científico é o estudo de como as camadas superficial, factual e estruturante são formadas e interligadas. Nessa perspectiva, o estudo sobre a natureza do ser tem papel essencial na aproximação da realidade, uma vez que a existência precede conhecimento do ser humano. Logo, a origem de um estudo científico é delimitada pela sua ontologia (BHASKAR, 1975).

Ao aceitarmos as definições do Realismo Crítico e da heterodoxia brasileira sobre a ciência, pode-se concordar com Lawson (1997 e 2006) em seu pressuposto de que a teoria econômica moderna está fracassando, visto que os economistas convencionais estão se afastando da realidade social ao suprimir a crítica ontológica; todavia, se faz importante

mencionar que não cabe a esta pesquisa confrontar a aproximação da teorização *mainstream* atual em relação aos fenômenos econômicos reais comparativamente ao *mainstream* passado ou escolas de pensamento alternativas. Diferentemente, caso se adote os critérios propostos pela ortodoxia brasileira, será reconhecido o sucesso da ciência econômica no período moderno, uma vez que a leitura ortodoxa entende que cada vez mais os trabalhos científicos formalizados estão em ascendência na academia, o que ocasiona competitividade e elevação do grau de falseabilidade das pesquisas.

5.1.2 O pensamento econômico brasileiro sobre a natureza da economia

Tony Lawson entende que a ontologia é o que distingue a economia convencional das outras perspectivas de análise econômica. Logo, o entendimento do que é economia e qual o papel da ciência econômica será de suma importância, assim como as definições sobre ciência para as conclusões divergentes sobre o êxito ou fracasso do pensamento econômico moderno. Segundo os ortodoxos brasileiros, a ciência econômica é uma área do conhecimento preocupada com a eficiência alocativa dos recursos nos mercados; a preocupação com os dilemas morais ou com a justiça sobre as distribuições da riqueza não cabem ao economista, estes são temas exclusivamente políticos (LISBOA, 1998). Essa perspectiva tecnicista leva ao afastamento da economia com a ciência social, já que o juízo de valor não concerne à definição *mainstream* sobre o papel da ciência. Portanto, a lógica ortodoxa interpreta que existe uma exigência desmedida da heterodoxia em relação à aproximação da teoria com a realidade. A ciência econômica deve ser útil à sociedade, mas é excessivamente pretensioso requisitar o entendimento da totalidade social a partir da teoria econômica.

Em compensação, Lawson e o Realismo Crítico acreditam que a ciência econômica está inserida nas ciências sociais ou humanas, e que a economia é uma divisão do trabalho dentro das ciências sociais (LAWSON, 2015). Dessa forma, o papel do economista é a busca pelo acercamento da realidade social a partir de um foco nas relações materiais distributivas. Com isso, percebe-se que a heterodoxia brasileira se aproxima do entendimento de Lawson em razão dos autores heterodoxos recorrerem à história e à política para a explicação de fenômenos econômicos. Nesse caso, fica evidente que o conceito de ciência econômica marca a metodologia de pesquisa e os objetivos das correntes econômicas: a economia *mainstream* tem o propósito de encontrar relações lógicas formais e a heterodoxia, para além do empiricismo, se designa a descobrir nexos estruturantes abstratos.

5.2 MÉTODO E IDEOLOGIA

Quando nos referimos ao combate entre paixão e razão, não estamos falando de uma maneira filosófica e rigorosa. A razão é, e deve ser, apenas a escrava das paixões, e não pode aspirar a outra função além de servir e obedecer a elas. (HUME, 2000, p.451)

David Hume é considerado um dos mais influentes filósofos defensores do empiricismo na ciência. No entanto, a frase citada denota uma posição um tanto diferente da ortodoxia brasileira discutida na presente monografia. Os economistas convencionais brasileiros desse estudo estão convencidos de que o método empírico é um dos pilares para expurgação de aspectos ideológicos na construção do corpo teórico científico. Nessa linha de pensamento, é positivo expurgar da ciência econômica noções sobre juízos ou valores de como é ou deveria ser a sociedade, o que até para Hume é impossível e indesejável.

O subcapítulo que será desenvolvido a seguir irá abordar as questões sobre a relação entre a razão e a paixão, ou melhor, entre a metodologia científica na teoria econômica brasileira e a ideologia política; contudo, o desafio será analisar essas relações subjetivas sob o olhar proporcionado pelo Realismo Crítico. Esta parte da pesquisa será dividida em, primeiramente, o emprego e a interpretação da ontologia - categoria fundamental para o Realismo Crítico - no pensamento econômico brasileiro, ressaltando as divergências da ortodoxia e heterodoxia. Posteriormente, será investigada a posição dos autores sobre a crescente instrumentalização da economia, destacando as origens desse movimento e os seus supostos efeitos no tocante à eficácia da teoria econômica moderna. Por último, analisaremos, sob ponto de vista do Realismo Crítico, heterodoxia e ortodoxia, o papel da política nas pesquisas econômicas, principalmente nas relações com a escolha metodológica.

5.2.1 A ontologia no pensamento econômico brasileiro

A análise ontológica é o núcleo do Realismo Crítico e o demarcador fundamental entre heterodoxia e *mainstream* para Tony Lawson (2006). O estudo da natureza do ser tem o objetivo de descrever as estruturas dos objetos analisados; apenas sob essa delimitação do objeto é que se pode afastar-se de construções ilusórias. A dedicação com as questões ontológicas é decorrente do realismo transcendental, o qual preconiza a ideia da existência das coisas independentes do que conhecemos sobre elas (SETTERFIELD, 2003). Exemplo: a existência do metabolismo celular é anterior ao conhecimento humano sobre o funcionamento do metabolismo celular. Nesse sentido, o Realismo Crítico compreende que a ontologia social das correntes econômicas gera os métodos adequados para as investigações compatíveis com essa mesma

ontologia, e a forma como será feita a teorização é marcada pela concepção pré-estabelecida sobre o tema abordado.

Em oposição a ontologia social proposta pela heterodoxia e aceita pelo Realismo Crítico, está a concepção da economia convencional brasileira. Para Lisboa e Pessoa (2016), o plano empírico dedutivista é a forma que se deve teorizar sobre os fenômenos econômicos; o que, para Lawson, é o resultado, mesmo que de forma implícita, da ontologia de sistemas fechados, apoiados no atomismo e no isolacionismo (LAWSON, 2015). Nesse caso, aos olhos do Realismo Crítico, a tradição neoclássica brasileira não trata de assuntos ontológicos e acaba incidindo no conceito da falácia epistêmica. Em outras palavras, o *mainstream*, ao reduzir as declarações sobre o ser a afirmações sobre o conhecimento, ocasiona a indiferença quanto a uma ontologia inadequada e culmina no afastamento da ciência com a realidade. No entanto, em um terceiro prisma, tem-se a posição da heterodoxia brasileira em relação a ontologia.

O trio heterodoxo do primeiro debate (Duayer, Panceira e Medeiros), assim como Jabbour e Paula compactuam com a crítica de Tony Lawson em relação ao papel da ontologia na ciência econômica, porém inserem outros elementos para as demarcações das correntes na economia. O diagnóstico sobre a busca pela supressão ontológica por parte da economia dominante e a conseqüente incompetência analítica é similar a Lawson, bem como a ideia de que a ontologia heterodoxa é subjacente a processos, a abertura de sistemas e a relacionalidade interna; todavia, os brasileiros não dão a relevância típica do Realismo Crítico quanto a importância do estudo do ser nas críticas ao *mainstream*. Os heterodoxos brasileiros citados adicionam algumas noções marxistas nas análises (DUAYER; MEDEIROS; PAINCEIRA, 2001). Por parte da heterodoxia do primeiro debate, verifica-se que há diferenciadores políticos no âmago da disputa acadêmica econômica, já Paula e Jabbour inserem argumentos políticos e substantivos para a separação entre as linhas de pensamento.

A posição de Gala e Oreiro é baseada na existência de um “núcleo duro”. Nessa perspectiva, a metodologia heterodoxa é análoga à metodologia ortodoxa. Em outras palavras, o aspecto formal é tão presente na heterodoxia quanto no *mainstream*; ideia que nos leva a entender que as ontologias sociais das vertentes são equivalentes ou suas diferenças são insignificantes para a análise da diferença entre essas tradições. Entretanto, há, também, uma defesa do pluralismo metodológico por parte dos autores, o que causa estranheza ao utilizarmos o referencial realista crítico para análise. Há, ainda, o posicionamento de Bastos e Belluzo, o qual é concordante com Jabbour e Paula (2016); no contexto da discussão, Belluzo e Bastos abordam a questão ontológica de forma sucinta, levantando outras questões no tocante ao

governo Dilma e a história da economia brasileira para o debate convencionalismo ou heterodoxia.

5.2.2 Instrumentalismo no pensamento econômico brasileiro

O método científico está acordado com a ontologia pressuposta pela escola de pensamento. A crítica de Lawson alega que o principal problema da economia moderna tem origem na ontologia, mas se expressa a partir da metodologia utilizada em estudos econômicos. A ênfase na modelagem matemática exclui aspectos pertinentes para análise econômica, a história, as instituições, as relações sociais são isoladas pela própria característica formalista que é empregada pelos economistas convencionais. O movimento em prol do instrumentalismo é tão dominante, que até economistas críticos ao capitalismo inclinam-se ao uso desmedido da matemática, como os marxistas da escolha racional (LAWSON, 2003). A identificação do progressivo uso da matemática também é observada para o Lisboa e Pessôa (2016); todavia, a avaliação sobre seus efeitos no campo econômico é oposta.

Nossa visão é que a elite atual tem a mente relativamente aberta para novas ideias, mas mente muito fechada para metodologias alternativas. Se ela não estiver modelada, não será economia, não importa seu significado. (Colander et al., 2004, p. 492)

A matemática à qual Colander se refere, é, na visão de Lawson, a matemática dedutivista, que gera uma estrutura formalista adotada pelos economistas convencionais indiferentemente da natureza do problema econômico. O dedutivismo só é possível a partir da dependência de regularidades de eventos espontâneos. De forma resumida, o intuito de construção de leis, implica na concepção de que sempre que 'o evento x, então, o evento y'. Assim, a modelagem formal trabalha com a ideia de identificação das regularidades e de generalizações de leis a partir da observação; e essa busca incessante pelas regularidades revela o abandono do contrafactual, contudo, Lawson não pode ser caracterizado pelo repúdio ao instrumentalismo, mas, sim, pelo repúdio à adoção do instrumentalismo em situações incondizentes. Nesse sentido, o Realismo Crítico propõe o conceito de semi-regularidades, semelhante a fatos estilizados. Essa conceituação nos diz que, em certos casos, a depender do caráter ontológico, é possível que metodologicamente seja eficiente a captura de regularidades, desde que não duradouras, nem inflexíveis (LAWSON, 1997).

Nos debates entre os brasileiros, a ortodoxia defende o monismo metodológico, algo já identificado por Lawson (1997 e 2006) e Colander (2004) como fundamental na caracterização da corrente dominante. A abordagem instrumentalista é vista como neutralizadora de

pensamentos ideológicos dado caráter preditivo carregado de um pessimismo quanto a compreensão do real, traduzindo-se em pragmatismo científico à moda de Popper. Essa ideia é contradita por Duayer, Paineira e Medeiros ao constatarem que o fracasso do instrumentalismo é o fracasso da impugnação ontológica e da aproximação à tradição positivista. Citando Rorty, os autores não reconhecem a superioridade metodológica do instrumentalismo, visto que essa prática, ao suprimir a visão ontológica da corrente convencional, apenas oculta uma concepção de mundo conservadora do sistema econômico atual (DUAYER; MEDEIROS; PAINCEIRA, 2001). Há semelhanças quanto ao ceticismo do uso da matemática por parte dos heterodoxos presentes no debate da Folha de São Paulo, porém pode-se observar divergências em Paulo Gala e José Luis Oreiro.

Basta uma rápida análise dos principais periódicos heterodoxos indexados no Brasil e no exterior para se constatar que grande parte da pesquisa heterodoxa segue exatamente o mesmo protocolo defendido por Lisboa e Pessôa, ou seja, o protocolo do método científico. (OREIRO E GALA, p. 434, 2016)

Desse modo, tanto a ortodoxia brasileira quanto a parte da heterodoxia brasileira corroboram a ideia de Lawson em relação ao método como critério de demarcação entre heterodoxos e convencionais. Principalmente Lisboa e Pessôa, que observam, assim como Lawson, que tal critério é único para a explicação das divergências em pauta, mesmo que o modo como alcançaram essa conclusão tenha sido distinto e a avaliação posterior também, e ainda que, a origem ontológica do método seja abordada apenas por Lawson. Duayer, Medeiros, Paineira, Jabbour, Paula, Bastos e Belluzo acrescentam outros critérios internos e externos ao campo econômico para a progressão da ciência e a consequente eleição do que é dominante e o que alternativo no campo econômico e, Oreiro e Gala entendem a teoria econômica atual heterodoxa e ortodoxa como instrumentalistas, recorrendo exclusivamente a elementos internalistas no que tange ao desenvolvimento da ciência econômica. Internalista aqui significa que a ciência progride por critérios internos, sem influência do contexto e das pressões políticas. Externalista, por sua vez, significa que a ideologia, a posição de classe e o poder econômico influenciam na pesquisa e na direção da ciência. Lawson diz que o que caracteriza o *mainstream* é a adesão a essa concepção dedutivista de ciência, mas ele aceita que cada caso pode ser estudado como uma totalidade à parte. Assim, dependendo do contexto, de fato, pode haver influência da política no andamento da pesquisa. Mas, isso é caso de um estudo empírico.

Para um diagnóstico mais robusto sobre as posições internalistas e externalistas na presente pesquisa, deve-se investigar o papel da política e da ideologia na teorização econômica,

segundo os autores em estudo, buscando entender de que forma o Realismo Crítico trata as questões políticas na ciência econômica e como essa visão pode ser relacionada e confrontada com argumentações brasileiras.

5.2.3 Aspectos políticos no Realismo Crítico

Nesta seção, serão utilizados os debates em pauta e os escritos de Tony Lawson para contrastar o pensamento brasileiro com o posicionamento de Lawson acerca do papel da política nas separações *mainstream*-heterodoxia. O ponto de partida dessa análise é a identificação do contexto dos autores em questão. Se por um lado, Tony Lawson e os autores do primeiro debate iniciado na década de 1990 se preocupam de forma acadêmica com as raízes filosóficas das correntes de pensamento, por outro, o debate brasileiro em 2016 é marcado pela discussão acerca das políticas econômicas no Brasil, principalmente no período do governo Dilma Roussef. Explicando, Lisboa e Pessoa debateram diversos assuntos econômicos nos meios de comunicação naquele ano, sendo a discussão da ortodoxia e heterodoxia apenas uma das pautas. Esta contextualização já indica alguma dificuldade em termos comparativos, visto os objetivos e enfoques distintos.

Tony Lawson em “Essays on The Nature and State of Modern Economics” (2015) sistematiza as suas críticas a economia moderna, logo na introdução, o autor afirma não ser frutífero analisar as divergências fundamentais da corrente heterodoxa e convencional dada a ampla abrangência quanto a orientações de política econômica por parte da heterodoxia e da corrente principal. Ou seja, Lawson entende que o *mainstream*, através das principais revistas e prêmios, aceita a pluralidade de conclusões nas teorias econômicas, o que nos remete a Lisboa e Pessoa, que concordam que a tradição neoclássica produz resultados politicamente antagônicos. Desse modo, tanto para os ortodoxos brasileiros, quanto para Lawson; a questão de demarcação não pode ser resolvida a partir de noções políticas. Todavia, o britânico pontua que a ideologia ou a política possuem influências sobre os posicionamentos de todas as escolas de pensamento econômico, mas o entendimento aqui é que a superação de uma economia dominante falha pode ser mais eficaz se interpretada sob outra ótica, a ontológica. O que culmina na crítica a ênfase matematizante nos nossos tempos. Por outra perspectiva, os ortodoxos brasileiros creditam ao método dedutivista-matemático a superação da ciência em relação à política.

Os heterodoxos do primeiro debate entram em consenso com Tony Lawson, a partir da negação ontológica, o uso da metodologia formal se torna inquestionável. Porém, a negação

ontológica não significa a exclusão dela no raciocínio teórico, essa apenas se torna uma ontologia desordenada e velada nos meandros do desenvolvimento das pesquisas. Assim sendo, para o trio heterodoxo, a neutralidade ideológica da tradição neoclássica é uma falácia e, conseqüentemente, a ontologia da ortodoxia está na própria etimologia. Ou seja, se o significado de heterodoxia é a crítica ao conhecimento convencional, ao ortodoxo. É o conservador, o que defende as estruturas sociais dominantes que ampara o capitalismo (DUAYER; MEDEIROS; PAINCEIRA, 2001). Esse é o ponto de dissidência em relação a Lawson, os brasileiros identificam a metodologia empírica com uma ontologia implícita, de visão de mundo individualizada politicamente conservadora; enquanto o inglês irá descrever a ontologia da economia dominante como fechada e atomista. Duayer, Medeiros e Paineira concordam com essa mesma ontologia criticada por Lawson, mas os brasileiros indicam uma origem reacionária. Dessa forma, a razão desse desacordo é evidente: o trio não considera os austríacos como heterodoxos, nem identificam uma pluralidade nos resultados de economistas convencionais.

A classificação da escola austríaca ou dos marxistas da escolha racional explica a divergência da heterodoxia brasileira do primeiro debate em relação à Lawson e levanta questionamentos. Por qual razão o *mainstream* escolheu tal conjunto de práticas metodológicas? Duayer e seus colegas respondem alegando um projeto político conservador, já os ortodoxos menosprezam essa ideia, enquanto Lawson não adentra nesses méritos. Seria o surgimento da econometria? A disseminação dos dados na sociedade? Os avanços tecnológicos proporcionados pela matemática? O ressurgimento do positivismo? O que levou a economia convencional aderir ao método dedutivista-matemático? Esse estudo não será feito nessa monografia, mas o que pode ser identificado é o isolamento da política por parte dos economistas convencionais brasileiros; a abstração da política por parte de Tony Lawson; e a qualificação de aspectos políticos como núcleo para as demarcações na ciência econômica por parte do trio heterodoxo.

A heterodoxia no debate realizado em 2016 utiliza argumentos metodológicos, políticos e substantivos para a explicação das divergências em pauta. Jabbour e Paula recorrem a fundamentações filosóficas e políticas, de maneira análoga com Duayer, Paineira e Medeiros, porém sem o devido peso da ontologia da realidade social no desenvolvimento da metodologia de análise econômica. Oreiro e Gala divergem dos outros heterodoxos ao concluir que as diferenças entre as correntes seriam devido a postulados teóricos, a política ou ideologia não é fundamental para tal entendimento. Entretanto, há de se fazer um adendo, é possível inferir que Oreiro e Gala tenham debatido a ortodoxia, no sentido de teoria neoclássica, enquanto os outros

autores do debate tenham se referido ao *mainstream* e não a teoria neoclássica. Então, é possível que os autores tenham se debruçado à um conceito diferente do apresentado no texto inicial de 2016 escrito por Lisboa e Pessôa. De todo modo, a maneira geral como a heterodoxia brasileira entende a progressão da ciência econômica possui caráter tanto internalista quanto externalista. Aspectos internos e externos à profissão acadêmica dos economistas são considerados para a formação do campo do conhecimento heterodoxo e ortodoxo, entretanto a origem das características internas é decorrente dos condicionamentos externos.

5.3 AS ESPECIFICIDADES NAS DIVERGÊNCIAS SOBRE AS DEMARCAÇÕES

Nessa última seção serão discutidos os pontos relevantes para compreender a origem das concepções dos autores debatidos no decorrer do estudo. Se ao longo do capítulo serão analisados os diferentes pontos de vista do debate brasileiro à luz do Realismo Crítico e das conceituações principais de Tony Lawson, nesse momento serão identificadas e analisadas particularidades das linhas de pensamento necessárias para a devida acomodação do Realismo Crítico à relação ao pensamento brasileiro. Para, então, apurar sobre o modo pelo qual o Realismo Crítico contribui em relação as discussões econômicas brasileiras, assim como aprofundar as noções de Tony Lawson e da CSOG a partir do entendimento da ciência econômica brasileira. Nesse sentido, será debatido o papel da economia austríaca no contexto das classificações do campo econômico, assim como será abordada a história da economia brasileira e a história do pensamento econômico brasileiro no que tange a temática dos debates e a formação dos fundamentos críticos dos debatedores apresentados na presente monografia.

5.3.1 A gênese do pensamento econômico brasileiro

Para além das contextualizações citadas no sentido de situar os autores em relação as circunstâncias atinentes às suas formulações, como a trama política no âmago dos debates de 2016 e as diferenças entre publicações acadêmicas e publicações em canais de imprensa, será necessário aprofundar no entendimento da difusão do pensamento econômico no Brasil. Isto com o objetivo de se assimilar as singularidades brasileiras e, com isso, investigar com mais clareza as justificativas dos afastamentos com o Realismo Crítico.

Os primeiros passos da academia brasileira na área da economia foram nas décadas de 1940, os cursos de ciência econômica contavam com professores de diversas áreas do conhecimento. Dessa forma, o início campo econômico no Brasil se apresentava de modo eclético, pois os docentes não possuíam formação em economia, mas sim em contabilidade, engenharia, administração, direito e ciências sociais em geral. Foi apenas nos anos 1960 que

houvera uma “profissionalização” da área, os economistas ligados a ditadura militar, Antônio Delfim Neto, Mario Henrique Simonsen, entre outros planejavam dar outros direcionamentos para o ensino da economia do país. Sendo assim, o entendimento era que se fazia necessária a emancipação da economia em relação a outras ciências e isso seria possível através incentivos aos brasileiros realizarem a pós-graduação no exterior, principalmente nos Estados Unidos. O propósito seria superar a “ultrapassada” ciência econômica no Brasil por meio de teorias mais modernas como, à época, o neoclassicismo (PRADO, 2001). A continuação dessa compreensão é facilmente observada nos textos de Lisboa e Pessôa, no caso a avaliação dos problemas da ciência econômica brasileira seria causa, também, de uma suposta falta de aderência aos procedimentos estrangeiros na teorização. Inclusive, os ortodoxos brasileiros mencionam a inexistência do debate entre convencionais versus heterodoxos nos países de língua inglesa.

Todavia, é possível notabilizar que a economia brasileira pode ser pluralista, havendo cursos com ênfases em diversas linhas de pensamento. No entanto, ainda é verificável uma superioridade da economia convencional. Como exemplificado na tabela abaixo, os temas “aplicados” estão em crescente proporção no total de publicações da Revista Brasileira de Economia, e os artigos escritos por estrangeiros, estão decrescendo em relação aos escritos por brasileiros, o que, para Prado, denota a inserção de autores estrangeiros neoclássicos nos anos 1960 e 1970 para a consolidação da dominância ortodoxa brasileira (PRADO, 2001).

Figura 5: Conteúdo da Revista Brasileira de Economia (em %).

Temas	Décadas					
	1947-49	1950-59	1960-69	1970-79	1980-89	1990-00
Teoria Microeconômica	0	8,9	0,7	2,7	5,7	3,7
Microeconomia Aplicada	3,5	1,6	3,6	2,7	8,3	9,1
Teoria Macroeconômica	37,9	26,0	7,3	12,8	16,1	4,5
Macroeconomia Aplicada	27,6	5,7	8,8	11,5	23,8	20,2
Outros	31,0	57,7	79,6	70,3	46,1	62,4
Autores estrangeiros	34,5	61,8	38,0	22,6	8,3	7,0
N.º total artigos publicados	29	123	137	226	193	242

Fonte: Prado (2001, p.17)

Ademais, o debate do Brasil também deve ser examinado a vista das condicionantes econômicas no país. Nesse sentido, é significativo as políticas econômicas a partir da era Vargas em relação ao desenvolvimento da economia nacional. A linha desenvolvimentista foi extensivamente difundida no Brasil durante o período dos anos 1950, 1960 e 1970, nessa época, o caráter nacionalista se fazia amplamente presente em segmentos da sociedade, e a divisão do mundo a partir dos blocos norte americano e soviético influenciavam as disputas no Brasil entre políticas liberais-capitalistas ou nacional-socialistas; todos esses fatores no contexto do auge do keynesianismo formaram a estrutura da heterodoxia e ortodoxia brasileira. Nessa conjunção, as teorias do desenvolvimentismo cepalino foram o cerne da heterodoxia brasileira da época, fato que influenciou economistas heterodoxos até os tempos atuais. É possível que por tal razão o debate econômico de 2016 na Folha de São Paulo seja marcado por confrontações entre políticas pró desenvolvimentistas e pró liberais, o que desliza para noções substantivas como demarcadoras da ortodoxia e heterodoxia, especialmente por parte dos heterodoxos. Essa pode ser considerada uma particularidade da formação do pensamento econômico brasileiro, visto que países já desenvolvidos, como a Inglaterra de Lawson, não debatiam com tal intensidade questões de desenvolvimento industrial.

5.3.2 Singularidades do caso austríaco

Outro ponto importante para a assimilação das singularidades dos pensamentos brasileiros e do Realismo Crítico é a definição sobre a situação da escola econômica austríaca. Essa pesquisa não visa classificar as escolas de pensamento de forma cartesiana; porém, a reflexão acerca da natureza da economia austríaca pode nos levar ao aperfeiçoamento do Realismo Crítico e das ideias brasileiras a respeito da raiz filosófica das diferentes correntes em evidência. O tema gera controvérsias porque o corpo teórico austríaco revela uma linguagem semelhante com a economia neoclássica, utilizando-se de categorias como, escolha, individualismo, racionalidade e utilidade marginal. Simultaneamente, os textos austríacos carregam críticas contundentes a ortodoxia, seja a noções substantivas, a alguns pressupostos, mas, fundamentalmente, à metodologia formalista, o entendimento sobre equilíbrio e às concepções “frágeis” quanto a competição e a teoria da utilidade (LAWSON, 1997).

Figura 6: Paradoxo Austríaco

Austrian analysis is ...	but also ...
Universal	Institutional
Individualist	Emergent, intersubjective
Marginalist	Open, process-oriented
Rational choice theoretic	Admits error, rule-following
Conjunctive	Causal

Fonte: Martin (2009, p.522)

Apesar das contradições apresentadas por Tony Lawson e sistematizadas na figura 6, o inglês enfatiza que a heterodoxia abrange a escola em questão. Vista a ontologia social austríaca apontada como aberta e processual. O que determina a crítica austríaca ao uso excessivo da matemática nas teorias econômicas por parte *mainstream* (LAWSON, 1997). Para Kirzner, a distinção dos austríacos em relação a economia dominante é a aplicação da praxeologia na economia. Nesse sentido, os austríacos incluem noções subjetivas para as escolhas econômicas, necessitando a abertura de sistemas na formação social e psicológica nas decisões dos agentes econômicos. Logo, a praxeologia austríaca investiga as escolhas neoclássicas sob a ótica do empreendedorismo individualista natural da sociedade (KIRZNER, 1960). Esta concepção compactua com a visão de Lawson. No entanto, há até autores do Realismo Crítico que destoam desse posicionamento.

Adam Martin sugere que a demarcação da escola em debate não pode ser simplificada ao olhar ontológico aberto e institucional da escola austríaca. Mesmo não discordando inteiramente de Lawson, Martin afirma que os austríacos estão tanto na heterodoxia, quanto na economia convencional; devendo-se a ênfase no caráter marginalista da escola, que por vezes se sobrepõe a ontologia heterodoxa. De certa forma, Para Martin, a escola é incoerente e desconexa das teorias econômicas heterodoxas ou convencionais: os mercados são plenos, mas os erros consideráveis; as crenças são essenciais, mas as escolhas racionais se aplicam em qualquer situação (MARTIN, 2009). Isto é, a escola austríaca diverge quanto ao método formalista convencional, mas adere a linguagem da teoria neoclássica, o que também pode ser entendido como um elemento metodológico.

A literatura brasileira em foco não explora a questão dos austríacos, porém é presumível que a heterodoxia brasileira considere a escola austríaca externa ao grupo heterodoxo. Nesse sentido, ou ela é reconhecida pelos brasileiros como parte da economia convencional ou não é classificada nesses termos. O fato é, caso seja utilizado as definições de Dequech (2007), a escola austríaca não poderá ser considerada parte da economia dominante nas ciências econômicas, uma vez que não possui elevado reconhecimento pelas principais revistas de economia, não possuem numerosos adeptos nas universidades e não recebem as principais premiações e incentivos do próprio campo. A observação de que a maior parte da heterodoxia brasileira ou internacional não é vista como conservadora ou ideologicamente, mas alinhada com posicionamentos políticos reacionários, pode oferecer algum pretexto para que partes da heterodoxia rejeitem a economia austríaca. Contudo, se os austríacos forem considerados como integrantes do *mainstream*, as concepções demarcadoras de Lawson e da ortodoxia brasileira seriam inválidas; e, se a escola for considerada heterodoxa, uma parcela significativa dos critérios da heterodoxia brasileira, como a ideologia, seria desconsiderada.

6. CONCLUSÃO

Os debates dos economistas brasileiros acerca das categorias economia convencional e heterodoxia causaram impacto no meio acadêmico e, até mesmo, no debate público. Os brasileiros discutiram diferentes perspectivas sobre aspectos demarcadores das correntes de pensamento econômico, recorrendo a argumentações filosóficas e substantivas. Ao buscar entender o impacto e os desdobramentos das discussões brasileiras, a presente monografia relacionou as perspectivas do pensamento econômico no Brasil com as concepções e conceituações do Realismo Crítico, principalmente no que tange aos escritos do economista inglês Tony Lawson.

Ao se debruçar sobre o Realismo Crítico, foi identificada a defesa de Tony Lawson que a corrente principal não deve ser caracterizada de acordo com os resultados de suas teorias, nem de acordo com suas hipóteses para análise, mas, sim, de acordo com sua ontologia da realidade social, a qual culmina na sua metodologia de orientação. A partir dessa concepção, é observado que o *mainstream* utiliza apenas um método para a investigação dos fenômenos econômicos, o dedutivismo-matemático. Por outro lado, a heterodoxia rejeita a ideia de que o formalismo é sempre adequado à investigação dos fenômenos econômicos, aderindo ao pluralismo metodológico; no qual se faz essencial a renúncia da ideia da necessidade de identificar regularidades nos movimentos econômicos.

Tony Lawson e os ortodoxos brasileiros Marcos Lisboa e Samuel Pessôa convergem no que se refere à diversidade de resultados e de pressupostos na economia *mainstream*. Os autores concordam com o crescente formalismo na economia convencional e a sua baixa adesão na heterodoxia; porém, os ortodoxos, consideram o formalismo matemático o método mais adequado em qualquer contextualização e o único possível para o verdadeiro conhecimento científico, visto que esse é o único capaz de neutralizar os efeitos ideológicos na ciência econômica. Todavia, Lawson pondera que a totalidade das teorias carrega consigo uma ontologia, e que a prática convencional apenas vela a sua concepção sobre o ser. Ao decorrer da pesquisa, foi identificado que Marcos Lisboa e Samuel Pessôa assumem preceitos metodológicos de Milton Friedman alicerçados por noções popperianas de ciência e aderem ao instrumentalismo, fundamentando a perspectiva de Lawson e dos heterodoxos do primeiro debate, em que o método convencional é oriundo de um positivismo subjacente. A posição do trio heterodoxo do primeiro debate entende que a metodologia, oriunda da concepção ontológica, é um aspecto fundamental para as demarcações da heterodoxia e do *mainstream*. No entanto,

os brasileiros recorrem a explicações políticas para a formulação ontológica, o que não é contestado por Lawson. Todavia, o autor inglês não recorre a essa abordagem em seus escritos.

A análise do segundo debate entre os economistas brasileiros teve, de um lado, a ortodoxia argumentando de forma similar ao primeiro debate: o instrumentalismo gera efeitos neutralizadores na pesquisa econômica, enquanto os métodos alternativos são proposições “metafísicas” inadequadas ao teste empírico. Por parte da heterodoxia, observa-se posições heterogêneas, Jabbour e Paula vão ao encontro de Duayer, Medeiros e Pinceira. Por um viés marxista, os autores utilizam a ontologia e a metodologia como diferenciadores das correntes, ainda assim, aspectos de classe e de ideologia também estão presentes no texto de resposta aos ortodoxos brasileiros. Em contrapartida, os economistas Gala e Oreiro apresentam hipóteses fundadoras, noções substantivas e diferenças de enfoques para a interpretação divergentes da heterodoxia e ortodoxia. Nesse caso em especial, apesar de estar inserido no debate levantado por Lisboa e Pessôa, o texto de Gala e Oreiro nos fornece indícios de que o objeto de crítica dos autores é a teoria neoclássica, destoando dos outros debatedores que estão discutindo características do *mainstream*. Por fim, Bastos e Belluzo acordam com Jabbour e Paula, mas centralizam suas críticas, fundamentalmente, no individualismo metodológico empregado pela economia dominante.

Foi observado, portanto, que as raízes das oposições entre a economia tradicional e a economia alternativa possui bases, não só na ontologia da realidade social, mas, também, na ontologia da ciência e da economia. Nesse sentido, os ortodoxos brasileiros entendem a ciência como o conhecimento obtido através da metodologia rígida formal, que os próprios utilizam. Nessa perspectiva, a investigação científica só é possível sob as proposições de Karl Popper e de outros autores empiristas, o que diverge frontalmente com a ideia do Realismo Crítico, a qual concebe a ciência como meio de investigação das camadas profundas dos objetos. Ainda, Lisboa e Pessôa tratam a economia como área afastada das ciências humanas, concepção criticada por Lawson, o qual entende a economia como uma divisão de trabalho das ciências sociais. Outros pontos importantes para as demarcações dissonantes dos autores são sobre o reconhecimento da escola austríaca como parte da heterodoxia. Os brasileiros debatidos na monografia não debatem o assunto, mas por via das explicações políticas da heterodoxia, no que se referem ao afastamento da economia convencional, os austríacos não são considerados integrantes do grupo heterodoxo. No entanto, Tony Lawson percebe a compreensão da natureza da realidade social austríaca como discordante da ontologia do *mainstream*.

No que diz respeito a questão sobre ser ou não possível conciliar o debate brasileiro com as categorias usadas por Lawson, faz-se necessário a realização de certas ressalvas referentes aos diferentes contextos, principalmente aqueles relativos ao desenvolvimento da ciência econômica no Brasil e ao caráter político que o segundo debate está envolvido. Entretanto, pode-se aceitar a primeira parte da hipótese levantada, que diz que a ortodoxia brasileira entende a demarcação das correntes em questão a partir de uma perspectiva internalista, assim como Lawson. Por fim, a segunda parte da hipótese, que determina a heterodoxia como aderente a explicações externalistas nas diferenças entre *mainstream* e heterodoxia, é refutada, porque o que se verificou foi uma heterogeneidade entre os autores heterodoxos que desenvolveram aspectos internos, ontológicos, metodológicos e noções substantivas, além de aspectos externos, ideológicos e políticos, como critérios para a análise do processo científico na economia.

Em conclusão, não podemos deixar de abordar as melhorias, limitações e direcionamentos que a monografia oferece. Como já observamos, o embaralhamento por parte do debate brasileiro em relação aos conceitos *mainstream*, ortodoxia e teoria neoclássica são significativos para a cautela com o tratamento das categorias no Brasil; assim como, o pequeno recorte utilizado nessa pesquisa evidencia que não podemos generalizar as compreensões apresentadas como totalizadoras do pensamento econômico brasileiro, afinal apenas dois debates foram analisados. No que diz respeito ao realismo crítico, verificamos que o conceito de semi-regularidades deve ser mais aprofundado, devido à centralidade desse para a justificativa teórica de Lawson no tocante a concepção ontológica de realidade social aberta por parte da heterodoxia. Em suma, ressaltamos a importante contribuição do realismo crítico para propagação da centralidade ontológica na pesquisa econômica; dessa forma, entendemos que o pensamento econômico brasileiro pode ser fertilizado pela filosofia do realismo crítico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUILAR FILHO, Hélio e SAVIANI FILHO, Hermógenes. Evolução da Macroeconomia entre Perspectivas: em busca de uma sistematização. **Revista de Economia Política**, v.21, n. 2, 2017.
- BHASKAR, Roy. **A Realist Theory of Science**. London, New York: Routledge, 2008 [1975].
- BIELSCHOWSKY, Ricardo. **Pensamento econômico brasileiro: O ciclo ideológico do desenvolvimentismo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BRUE, Stanley. **História do pensamento econômico**. 6ª ed. Boston: Thompson, 2005.
- CALDWELL, Bruce. The Case for Pluralismo. *In: The popperian legacy in economics*. Cambridge, Cambridge University Press, 1985. p.231-244.
- CARVALHO, Fernando José Cardim de. Réplica a “Miséria da crítica heterodoxa”. **Revista de Economia Contemporânea**. Rio de Janeiro: UFRJ, Instituto de Economia, v.2, 1998.
- CHANG, Ha-Joon. **Economia: modo de usar**. Portifolio-Penguin. Rio de Janeiro, 2015.
- CHICK, V. “On Open Systems”. **Brazilian Journal of Political Economy**, vol. 24, nº 1 (93), 2004.
- CHICK, V. **Macroeconomia após Keynes: um reexame da Teoria Geral**. Rio de Janeiro, Florense Universitária, 1993.
- CHICK, V., DOW, S. “The meaning of open systems”. **Journal of Economic Methodology**, vol. 12, no. 3, London, 2005.
- COLANDER, D., HOLT, R. P. ROSSER, J. B. The changing face of mainstream economics. **Review of Political Economy**, London, v. 16. 2004.
- DEQUECH, David. Neoclassical, mainstream, orthodox, and heterodox economics. **Journal of**
- DOWNWARD, Paul. **Applied Economics: A Critical Realist Approach**. London and New York: Routledge, 2003.
- DUAYER, Mario; MEDEIROS, João Leonardo; e PAINCEIRA, Juan Pablo. **A miséria do instrumentalismo na tradição neoclássica**. Estudos econômicos, São Paulo, v.15. 2001.
- DUAYER, Mário e PAINCERA, João Leonardo. Economia ortodoxa: notícias de lugar nenhum, parte (I). **Carta Capital**. (2017a).
- JERONIMO, Rodrigo e SIQUEIRA, Álvaro. Notas Críticas sobre o Recente Debate Metodológico entre Ortodoxia e Heterodoxia na “Ilustríssima”. **Texto submetido ao V Encontro do Programa de Pós-Graduação em Economia da UNESP**. Franca, 2018.
- KIRZNER, Israel. **The Economic Point of View**. Menlo Park, Institute for Humane Studies, Arlington, 1960.
- FERNANDES, Florestan. **Contribuições à crítica da economia política**. São Paulo. Editora Expressão popular, 2008.
- FONSECA, Pedro. Clássicos, neoclássicos e keynesianos: uma tentativa de sistematização. **Perspectiva Econômica**, v. 11, n. 30, p. 35-64, 1981.
- FRIEDMAN, Milton. **Capitalism and freedom**. Chicago: University of Chicago Press, 1962.

FRIEDMAN, Milton. **The methodology of Positive Economics**. In: Edições Multiplic, v. 1, n.3, Tradução: Leonidas Hegenberg, (1981 [1953]).

FUCIDJI, José Ricardo. Realismo e darwinismo em metodologia econômica: a crítica de Geoffrey Hodgson. **Texto submetido ao XLI Encontro Nacional de Economia – ANPEC Área 1 – História do Pensamento Econômico e Metodologia**. 2013.

HUME, David. **Tratado da Natureza Humana**. São Paulo: UNESP, 2000.

GRIEVE, Roy. **‘Right Back Where Started From’: From ‘The Classics’ to Keynes, and back again**. Scottish institute for research in economics, Glasgow, 2014.

HANDS, D. Wade. **“The Future of Economics?”**. University of Puget Sound. Tacoma, 2007.

HOOVER, Kevin. “Why Does Methodology Matter for Economics?”. **The Economic Journal**, London, 2007.

LAVOIE, Marc. **Introduction to Post-Keynesian Economics**. London: Palgrave Macmillan, 2006.

LAWSON, Tony. **Economics and Reality**, London: Routledge, 1997a.

LAWSON, Tony. **Essays on the Nature and State of Modern Economics**. London and New York: Routledge, 2015.

LAWSON, Tony. **Ontology and Economics: Tony Lawson and His Critics**. London and New York: Routledge, 2008.

LAWSON, Tony. **Reorienting Economics**. London and New York: Routledge, 2003.

LAWSON, Tony. The Nature of Heterodox Economics. **Cambridge Journal of Economics**, v.30. 2006.

LAWSON, Tony. The Nature of Institutional Economics. **Evolutionary and Institutional Economics Review**, 2005.

LISBOA, Marcos. A Miséria da Crítica Heterodoxa: Primeira Parte: Sobre as críticas. **Revista de Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, V.1, 1997.

LISBOA, Marcos. A Miséria da Crítica Heterodoxa: Segunda Parte: Método e Equilíbrio na Tradição Neoclássica. **Revista de Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v.2. 1998.

LISBOA, Marcos. Linguagem, Procedimento e Pragmatismo na Tradição Neoclássica. **Estudos Econômicos**, São Paulo, V. 31, n. 4, 2001.

MARTIN, Adam. Critical realism and the Austrian paradox. **Cambridge Journal of Economics**, Cambridge, v. 33. 2009.

MARX, Karl. **O Capital – crítica da economia política**. Trad. Reginaldo Sant’Anna. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2008

MÄKI, Uskali. On the Method of Isolation in Economics. **Poznan Studies in the Philosophy of the Sciences and the Humanities**, v.22. 1992.

MCKENZIE, Richard. The Neoclassicalists vs. the Austrians: A Partial Reconciliation of Competing Worldviews. **Southern Economic Journal**, Clemson, v.47. 1980.

NELSON, Robert. **Economics as Religion: From Samuelson to Chicago and Beyond**. Pennsylvania: Penn State University Press, 2014.

PESSÔA, Samuel. LISBOA, Marcos. **O Valor das Ideias: Debate em Tempos Turbulentos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PRADO, Eleutério. A Ortodoxia Neoclássica. **Revista Estudos Avançados**, v.15, n. 41. 2001.

QUINE, Willard Van Orman. Two Dogmas of Empiricism. **The Philosophical Review**. 1951.

RESENDE, André Lara. André Lara Resende Escreve sobre a Crise da Macroeconomia. **Valor Econômico**. São Paulo, 2019.

SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia Clássica**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.

SETTERFIELD, Mark. History versus equilibrium? On the possibility and realist basis of a general critique of traditional equilibrium analysis. **Post Keynesian Economics**, v.29. 2006.

SETTERFIELD, Mark. Critical Realism and formal modelling. In, Paul Downward (ed.). **Applied Economics and the Critical Realist Critique**. Routledge, 2003.

VASCONCELOS, Marcos Roberto. STRACHMAN, Eduardo. FUCIDJI, José Ricardo. O Realismo Científico e as Controversias Metodológicas Contemporaneas em Economia. **Revista Estudos econômicos**, São Paulo. V 29.1999.